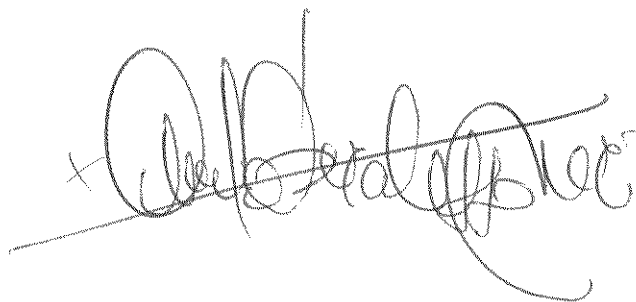


ELIETE JUSSARA NOGUEIRA

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação apresentada por Eliete Jussara Nogueira e aprovada pela Comissão julgadora em 14/12/1992.



ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE: ANÁLISE DE  
CONTEÚDO DE TEXTOS DE LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CAMPINAS-SP

930152

## ERRATA

Na página 9, primeiro parágrafo, onde se lê:

Para Staats (1963 e 1975) as atitudes são processos mediadores internos, adquiridos por processo respondente.

Lê-se:

Para Staats (1963 e 1975) as atitudes são processos mediadores internos, adquiridos por condicionamento respondente.

Na página 28, primeiro parágrafo, onde se lê :

Setenta e oito por cento dos textos eram publicações oriundas dos Estados de São Paulo, 22% do Rio de Janeiro e 1% do Rio Grande do Sul.

Lê-se:

Setenta e oito por cento dos textos eram publicações oriundas dos Estados de São Paulo, 21,05% do Rio de Janeiro e 0,95% do Rio Grande do Sul.

Na página 61, quarto parágrafo, onde se lê:

Tentando desmitificar a imagem tradicional do idoso, os textos A fada sempre-viva e A galinha-fada , apresentam fadas idosas com roupas e comportamentos fora-do-comum.

Lê-se:

Tentando desmitificar a imagem tradicional do idoso, o texto A fada sempre-viva e a galinha-fada , apresenta uma fada idosa com roupa e comportamentos fora-do-comum.

Na página 64, quarto parágrafo, onde se lê:

Essas três teorias são muito influentes na Gerontologia e, sem dúvida refletem os valores da época e da sociedade em que foram gerados.

Lê-se:

Essas duas teorias são muito influentes na Gerontologia e, sem dúvida, refletem os valores da época e da sociedade em que foram gerados.

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação na área de Concentração Psicologia Educacional, a Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa<sup>a</sup> **Dr<sup>a</sup> ANITA LIBERALESSO NERI.** †

COMISSÃO JULGADORA -

~~Ildefonso de Azevedo~~

~~João Ribeiro~~

Cecília Guarnieri Batista

- A G R A D E C I M E N T O S -

À Profª Drª ANITA LIBERALESSO NERI, por sua orientação, amizade e apoio constante, decisivos para a elaboração deste trabalho.

À Dulcina e Domors, que entre suas atividades, encontraram tempo para as leituras e discursos.

Ao meu marido **Beto**,  
e meus filhos, **André** e **Pedro**  
pelo incentivo importante nas diversas  
fases deste trabalho.

NOGUEIRA, E.J. Atitudes em relação à velhice: análise de conteúdo de textos de literatura infantil brasileira. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992.

- R E S U M O -

Os meios simbólicos, entre eles a literatura infantil, são importantes veículos para a transmissão de atitudes em relação a objetos sociais. A presente pesquisa teve como objetivo analisar o conteúdo de textos literários brasileiros em prosa, destinados a crianças entre 9 e 11 anos de idade, para se verificar de que formas os objetos sociais "velho" e "velhice" lhes são apresentados. O material analisado consistiu em 35 livros em que a figura do idoso aparece como personagem, narrador ou fonte de referência cultural, referenciado por rótulos sociais tais como: "velho" (a), "velhinho" (a), "aposentado" (a), "vovô" (ô), ou por critério cronológico (mais de 60 anos). Tais livros faziam parte de um conjunto de 95 títulos apontados por 112 professores de 3ª e 4ª séries, como livros que adotam e/ou gostariam de adotar para seus alunos. O idoso aparece nos textos principalmente como fonte de referência cultural, narrador e personagem secundário. Em nenhum texto aparece como personagem principal. A análise focalizou os seguintes aspectos: sexo, idade, profissão, aspecto físico, interação social, comportamentos, menção à morte, uso do termo

"velho" e adjetivos usados para designar o idoso. A partir dos registros foram abstraídos quatro temas: o idoso como fonte de referência cultural, velhice e integração social, velhice e despersonalização e velhice e preconceito. Não foi possível identificar com clareza um ou mais perfis coerentes do idoso. As imagens são múltiplas, variadas e muitas vezes conflitantes com a realidade social. Acredita-se que essas caracterizações variadas reflitam uma realidade social que determina que a experiência da velhice seja heterogênea. Acredita-se também que as imagens veiculadas por essa literatura sejam ocasião para a aprendizagem social de papéis etários e de expectativas de comportamento em relação à velhice.

NOGUEIRA, E.J. Attitudes toward aging: content analysis of brazilian infantile literature texts. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992.

- A B S T R A C T -

The simbolic media, as the infantile literature, are important to transmit attitudes to social objects. This research had as an objective analysing the contents of brazilian literary texts, destinated to children beetween 9 and 11 years, to verify how the social objects "old aged" and "aging" are showed to them. The analysed material was 35 books, where the elderly appears as character, narrator or cultural reference source, named by social labels like "retired", "aged", "elderly", "grandpa (grandma)" or by cronological rules (more than 60 years). Such books are part of a group of 95 titles, indicated by 112 3rd. and 4 th grade teachers, as books that the students use or should use. The old people is showed mainly as cultural reference source, narrator or secondary character. In any of the texts are they main characters. The following aspects were analised: sex, age, job, physical aspect, behaviour, mentions to death, using the word "aged" and adjectives used to old people. From the registers, four themes were extracted: aged people as cultural reference source, aging and social life, aging and dispersonalization and aging and prejudice. It wasn't possible to identify clearly one or more correct profiles of the aged. There are multiple images, different and many times conflitant with the social



reality. The different characterizations reflect a social reality that determines that the experiences of aging is heterogeneous. The image brought by this literature may be occasion for social learning of age roles and expecting of behaviour related to aging.

## - S U M Á R I O -

	Páginas
<b>I N T R O D U Ç Ã O . . . . .</b>	<b>1</b>
. Aprendizagem de atitudes em relação ao idoso. . . . .	7
. Aprendizagem de atitudes. . . . .	8
. A função pedagógica da literatura infantil. . . . .	19
. Objetivos . . . . .	24
<b>M É T O D O . . . . .</b>	<b>26</b>
. Critério para seleção dos textos. . . . .	29
. Procedimentos . . . . .	30
. Aspectos demográficos . . . . .	30
. Aspectos físicos e psicológicos . . . . .	31
. Interação social. . . . .	31
. O comportamento do idoso. . . . .	31
. Uso do termo "velho". . . . .	31
. Adjetivos usados para qualificar os <u>persona</u> gens idosos . . . . .	31
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO. . . . .</b>	<b>34</b>
. O idoso como fonte de referência cultural . . . . .	35
. Velhice e integração social . . . . .	41
. Velhice e despersonalização . . . . .	49
. Velhice e preconceito . . . . .	51
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. . . . .</b>	<b>68</b>
<b>ANEXOS. . . . .</b>	<b>72</b>

## - I N T R O D U Ç Ã O -

O conceito de atitude é uma das questões centrais da Psicologia Social. Segundo Allport (1954), em texto clássico sobre o assunto, esse é um dos conceitos mais distintivos e indispensáveis da área. Por não ser propriedade de nenhuma escola psicológica, tem servido aos propósitos de pesquisadores das mais diversas orientações, trabalhando sobre os mais diversos assuntos (in Jahoda e Warren, 1966).

Assim sendo, desde os anos 1940, o conceito de atitude tem presidido a investigação sobre predisposições sociais e individuais que estariam na base de comportamentos instrumentais em relação a idosos e à velhice (Dinkel, 1944 e Simmons, 1945, apud McTavish, 1971).

Assume-se que atitudes são eventos encobertos, de natureza afetiva, avaliativa e emocional, que medeiam as relações de pessoas, grupos e instituições sociais em relação ao velho e à velhice (Neri, 1991a).

A justificativa principal invocada para a realização de pesquisas sobre a natureza das atitudes sociais e indi

viduais em relação a velho e velhice é que, conhecendo-se essas predisposições é possível compreender e em parte prever a atuação de pessoas e grupos sociais em relação a tais objetos sociais (Neri, 1992a).

No entanto a relação entre atitudes e comportamentos instrumentais em relação a idosos não é facilmente detectável nem previsível. Semelhante problema, de se prever comportamentos abertos a partir de verbalizações, é comum a situações em que se recorre à uma variável interveniente para explicar o comportamento (Collins e Miller, 1969; Staats, 1975 e Rosenberg, 1976). Exemplificando, no caso do idoso não se sabe se e como certas crenças, opiniões, preconceitos e estereótipos poderão afetar aproximação ou afastamento de pessoas, grupos e instituições em relação à pessoas idosas tomadas como categoria ou individualmente.

Apesar disso e a despeito das dificuldades de avaliação das atitudes, este tópico tem sido bastante visado por pesquisadores interessados em velhice. Mesmo sem disporem de evidências empíricas suficientes, é muito comum assumirem que predominam atitudes negativas em relação a idosos, por parte de pessoas, grupos profissionais, instituições e sociedade de um modo geral. Muitos gerontólogos atribuem os problemas sociais e econômicos enfrentados pelos idosos a atitudes negativas, que se refletem em políticas sociais desfavoráveis à essa categoria etária (Neri, 1992a).

Vários analistas de questões ligadas ao preconceito em relação a idosos acreditam mesmo que a própria atitude preconceituosa dos pesquisadores estaria contribuindo para estabelecer e fortalecer atitudes negativas (Butler, 1980;

Herrick, 1983; Schaie, 1988, apud Neri, 1991a). Segundo Neri (1991a) ainda, analisando a literatura sobre atitudes negativas em relação a idosos, as razões mais comumente apontadas para a existência delas são as seguintes:

1. As atitudes negativas refletiriam sentimentos negativos em relação à pobreza, à marginalização social, à dependência, à doença, à solidão e à morte, comumente associadas com velhice. Já a pesquisa sobre satisfação na velhice tem demonstrado a não ocorrência de atitudes negativas frente à velhice, quando esta é associada com segurança financeira, boa saúde e continuidade nas relações interpessoais.
2. A falta de oportunidade e de **status** que afetam o idoso e a incompetência comportamental que lhe é atribuída, refletem a supervalorização da produtividade, da realização e da independência pela sociedade capitalista. Em virtude de seus papéis etários, os idosos, enquanto grupo, não podem reivindicar posse de nenhum desses atributos. Na qualidade de aposentados, perdem o poder político e econômico, que permite **status** e respeito elevados. Sua situação é mais grave se e quando, tanto individualmente quanto em grupo, o velho é acometido por doenças e pobreza. Então, aos seus problemas decorrentes da falta de prestígio e poder, somam-se os resultantes da dependência física, psicoló-

gica e financeira, em relação à família e à sociedade.

3. A estratificação por idades que caracteriza as sociedades industrializadas seria responsável pelos estereótipos e pela desinformação das pessoas mais jovens em relação ao idoso.
  
4. O significado da desvalorização do idoso não reside nas diferenças etárias, correspondentes a comportamentos e expectativas de comportamento, mas sim no fato de que jovens e velhos pertencem a diferentes gerações, o que acarreta diferenças quanto à educação, a experiência de vida e a valores (entre jovens em fase de conquista e ascensão e adultos ainda saudáveis, aptos e motivados para continuar trabalhando). Os conflitos podem ser intensificados na medida em que os jovens têm consciência do custo social dos inativos. Podem se complicar ainda mais, na medida em que a essa consciência por parte dos jovens juntar-se uma justa noção de direitos e de cidadania nos mais velhos.
  
5. Resultados de pesquisas indicando percepções negativas sobre o idoso teriam base também em "preconceitos científicos" da Gerontologia e da Medicina, tais como:

- a) A curva do desenvolvimento psicológico se sobrepõe perfeitamente à do desenvolvimento biológico, de modo que é de se esperar um declínio intelectual, emocional e psicossocial decorrente do envelhecimento biológico. A partir de estudos de campo conduzidos de maneira preconceituosa, a própria Psicologia contribuiu para estabelecer e difundir um modelo deficitário do funcionamento mental das pessoas mais velhas.
- b) Ao invés de ser identificado como um processo constante de transformações, o desenvolvimento humano tradicionalmente tem sido identificado com os ganhos da infância e a adolescência. Sob essa ótica, a vida adulta é vista como um período de sedimentação e a velhice é identificada com perdas. Só nos anos 80, a Psicologia do Desenvolvimento Adulto começou a veicular a noção de desenvolvimento como um contínuo processo de transformações contextualizadas por fatores biológicos, sociais, psicológicos e culturais. Nesse processo, que dura desde a concepção até a morte, não há supremacia de nenhum período, sendo que em qualquer momento do desenvolvimento ocorre um equilíbrio dinâmico entre ganhos e perdas. É evidente que a probabilidade de perdas é maior na velhice que na infância, mas isto não significa que este é um

momento marcado necessariamente pelo declínio, a involução e a degeneração. Pesquisas recentes têm lidado com a experimentação sobre os limites à plasticidade do desenvolvimento humano na velhice, principalmente no domínio da cognição, com resultados animadores, no sentido de demonstrar que é possível controlar e até certo ponto reverter perdas cognitivas na velhice, através de treino e de alterações nas condições ambientais (Baltes, 1987; Uttal e Perlmutter, 1989, apud Neri, 1991b e 1992b).

- c) Cresce a consciência de que a noção de incompetência comportamental associada aos idosos, com base em pesquisas, foi muito mais causada pela adoção de equipamentos, instrumentos, tarefas e situações experimentais inadequadas à essa faixa etária, do que propriamente pela sua real incapacidade. Quando as condições são alteradas, seu desempenho em geral melhora. Em contrapartida, experimentos envolvendo simulação de velhice com indivíduos jovens e saudáveis, têm demonstrado que o seu desempenho decai. Isto indica uma possível forte relação entre os problemas e déficits comportamentais dos idosos com eventos do contexto, e não puramente com idade.

- d) A Biologia e a Psicologia difundiram portanto



que o envelhecimento é um processo uniforme. Embora não se possa contestar que ele é universal e inevitável, sabe-se hoje que ele se dá em diferentes ritmos para diferentes pessoas, em virtude de condições genéticas e ambientais e da interação entre elas. Sabe-se também que diferentes estruturas e funções "envelhecem" em ritmos diferentes, e têm pontos de início e término também diferentes, para diferentes pessoas.

### **Aprendizagem de Atitudes em Relação**

#### **ao Idoso**

Os pesquisadores de atitudes em relação à velhice também tem se interessado pela questão de que condições estão presentes em sua aquisição, manutenção e alteração. Nesse sentido estuda-se a influência de variáveis sociológicas, tais como nível sócio-econômico, classe social, escolaridade, profissão, sexo, idade, raça, bem como fatores de personalidade. Estuda-se também a influência de fatores educacionais, dentre os quais se destacam a televisão, a literatura, o cinema, desenhos animados e produções de humor, dentre outros.

Nesse contexto de análise tem sido útil analisar proposições teóricas sobre a aprendizagem de atitudes. A seguir serão apresentadas resumidamente quatro proposições de orientação comportamental:

Osgood, Suci e Tannembaum (1957) e Staats (1963 e 1975), da tradição respondente; Skinner (1953 e 1974) e seu modelo operante, e Bandura (1969 e 1976), com uma proposição que agrega processos cognitivos a análise da aquisição operante de atitudes. De certa forma elas representam um contínuo de análise da questão, na medida em que envolvem a noção de aprendizagem por associação, depois a de aprendizagem por conseqüenciação diferencial e finalmente a consideração da mediação pela cognição. Esta última é a que oferece perspectivas mais ricas para a análise a que este trabalho se propõe.

#### - APRENDIZAGENS DE ATITUDES -

Segundo Osgood, Suci e Tannembaum (1957) a aprendizagem de atitudes é explicável pelo princípio de associação por contigüidade. Atitudes são predisposições avaliativas para responder a um dado objeto e fazem parte do significado atribuído a esse objeto. A associação entre experiências emocionais positivas ou negativas e um dado objeto e/ou à sua representação faz com que, no futuro, este adquira o mesmo significado daquelas. Significados consistem em conglomerados de associações com intensidade e qualidade variáveis.

Uma quantidade apreciável de pesquisas sobre atitudes em relação à velhice foi realizada a partir desse modelo, uma vez que utilizaram o Diferencial Semântico de Osgood

como instrumento de medida e a análise fatorial como forma de tratamento. Tais pesquisas permitiram identificar dimensões de significados associados à velhice, como por exemplo: instrumentalidade-ineficácia, autonomia-dependência, aceitabilidade-rejeição, valorização-desvalorização, adaptação-desadaptação, desejabilidade-rejeição, integração-não integração (Neri, 1991a).

Para Staats (1963 e 1975) as atitudes são processos mediadores internos, adquiridos por processo respondente. Quando uma palavra é pareada a um reforçador positivo ou a um estímulo aversivo, passa a poder eliciar parte da resposta que esses eventos eliciavam. Adquire assim, função de estímulo condicionado, de natureza emocional.

Estímulos emocionais funcionam como reforçadores, quando se seguem a comportamentos instrumentais. Servem como estímulos eliciadores de comportamentos de aproximação, em caso positivo, ou de evitação, em caso negativo.

As pessoas interagem socialmente a partir de seu sistema emocional-motivacional. Parte dele envolve atitudes em relação a estímulos sociais, representados por exemplo pelos comportamentos sociais dos semelhantes. Estes envolvem um grande número de respostas instrumentais e verbais, de vários graus de complexidade.

Os comportamentos sociais podem ser alterados pelas interações, de acordo com os princípios de condicionamento clássico e operante. Isto significa que as pessoas aprendem atitudes em situações de interação social. Nestas, os atributos físicos, comportamentais e sociais das pessoas funcionam como estímulos e associam-se a respostas emocio-

nais, com funções atitudinais reforçadoras e direcionadoras.

Exemplificando, se a palavra "feio" for pareada a experiências emocionais e/ou a outras palavras de conotação negativa, assumirá função emocional negativa. Se depois for associada a objetos e pessoas velhas, ou mesmo aos objetos sociais "idoso" e "velhice", tanto os objetos quanto as palavras adquirirão função negativa.

A literatura sobre pesquisa básica em aprendizagem de atitudes apresenta numerosos exemplos de experimentos que demonstram a validade e a generalidade desse princípio (Staats, 1975). Neri (1991a) utilizou a "teoria ARD" de Staats (1975) como apoio para discutir os dados que encontrou sobre dimensões de atitudes relacionadas a velho e velhice.

Para Skinner (1957 e 1974) as atitudes são aprendidas de acordo com os esquemas de reforçamento e punição vigentes no grupo social do qual o indivíduo faz parte. Tais mecanismos determinam o desenvolvimento do repertório comportamental, da qual depende a probabilidade da pessoa comportar-se de determinada maneira, face a certos eventos de seu ambiente externo e interno (encoberto).

Assim, os usos, costumes, opiniões, crenças e afirmações que se faz em relação a objetos sociais, bem como a maneira de as pessoas se comportarem frente a eles são largamente função de contingências sociais. Da mesma forma o comportar-se de acordo com o esperado para a idade ou qualquer outro atributo social, é modelado por contingências sociais.

Adicionalmente, as pessoas aprendem a comportar-se socialmente também por intermédio de regras o que, segundo Skinner (1974), determina uma aprendizagem mais rápida do que por meio de contingências. Assim, não é necessário que as pessoas tornem-se idosas para aprenderem a comportar-se como velhos. Nem é verdade que o farão em virtude da simples passagem do tempo ou de mecanismos internos de sua personalidade. Ocorre que, ao longo de toda a vida, vão sendo expostas a descrições, orientações, conselhos, regras, leis, exemplos e advertências que lhes antecipam descrições de comportamentos e suas contingências. Livros infantis, contos, novelas, filmes, desenhos animados e brinquedos são exemplos de situações sociais experienciadas por crianças e adolescentes e que provavelmente, pela ótica skinneriana, respondem em boa parte pela sua aprendizagem de comportamentos sociais.

Para Skinner, portanto, o conceito de atitude é desnecessário à explicação do comportamento, visto que é uma inferência feita a partir de comportamentos observados.

Essa maneira de pensar não é compartilhada por outros autores de orientação behaviorista que, mesmo admitindo a influência de variáveis ambientais e processos operantes, preferem considerar também influências encobertas sobre o comportamento humano. Dentre eles destaca-se Bandura que, nos últimos 25 anos vem se dedicando à elaboração e ao refinamento da teoria de aprendizagem social, cujas origens remontam aos anos 1930 e 1940. Nessa época, Dollard, Miller, Sears e Mowrer tentaram construir uma teoria do desenvolvimento infantil baseada na teoria

S-R, inspirada em algumas hipóteses freudianas e agregando preocupações com a socialização infantil, apoiadas na Antropologia (Baldwin, 1973).

A atuação a partir do enfoque de aprendizagem social conduziu Bandura à elaboração de um teoria sobre a aprendizagem social-observacional da imitação. Este princípio foi a seguir exaustivamente explorado por ele, com referência a aprendizagem do comportamento agressivo. Finalmente o autor estendeu o princípio à explicação de outros comportamentos complexos, como atitudes, papéis, linguagem, moralidade, pensamento e auto-regulação (Bandura, 1969, 1973, 1977).

Para Bandura, a aprendizagem por observação ou modelação, envolve a participação ativa do indivíduo que, mediante complexos processos cognitivos, psicomotores e motivacionais elabora a situação-estímulo (comportamento do modelo) antes de emitir a resposta imitativa. Esta pode ocorrer com diferentes intervalos de tempo em relação à exposição ao modelo, o que realça o papel dos processos cognitivos da observação, na retenção dos aspectos relevantes do comportamento modelado.

Segundo Bandura (1977), quanto mais nova a criança, mais instantânea a modelação. À medida em que ela desenvolve sua habilidade de simbolizar experiências e traduzí-las em modalidades motoras, aumenta sua capacidade para modelação atrasada de padrões de comportamento cada vez mais complexos.

Uma vez emitido, o comportamento imitativo pode ou não ser seguido de reforçamento administrado por uma fonte

externa. Na verdade, para o autor, a contingência do reforçamento é menos crítica do que a oportunidade de observar o reforçamento do comportamento do modelo. Este sim é essencial ao estabelecimento ou à inibição do comportamento imitativo.

Bandura (1977) propôs que a observação ou modelação pode ser descrita em termos de quatro processos: atenção, retenção, reprodução motora e motivação. De acordo com sua teoria de aprendizagem social, as influências modeladoras produzem aprendizagem principalmente por meio de suas funções informativas. Durante a exposição ao modelo, o observador adquire principalmente representações simbólicas das atividades modeladas, as quais servirão como guias para desempenhos apropriados no futuro.

A Figura 1 que se segue, reproduzida de "Social Learning Theory" (Bandura, 1977) mostra os processos que governam a modelação.

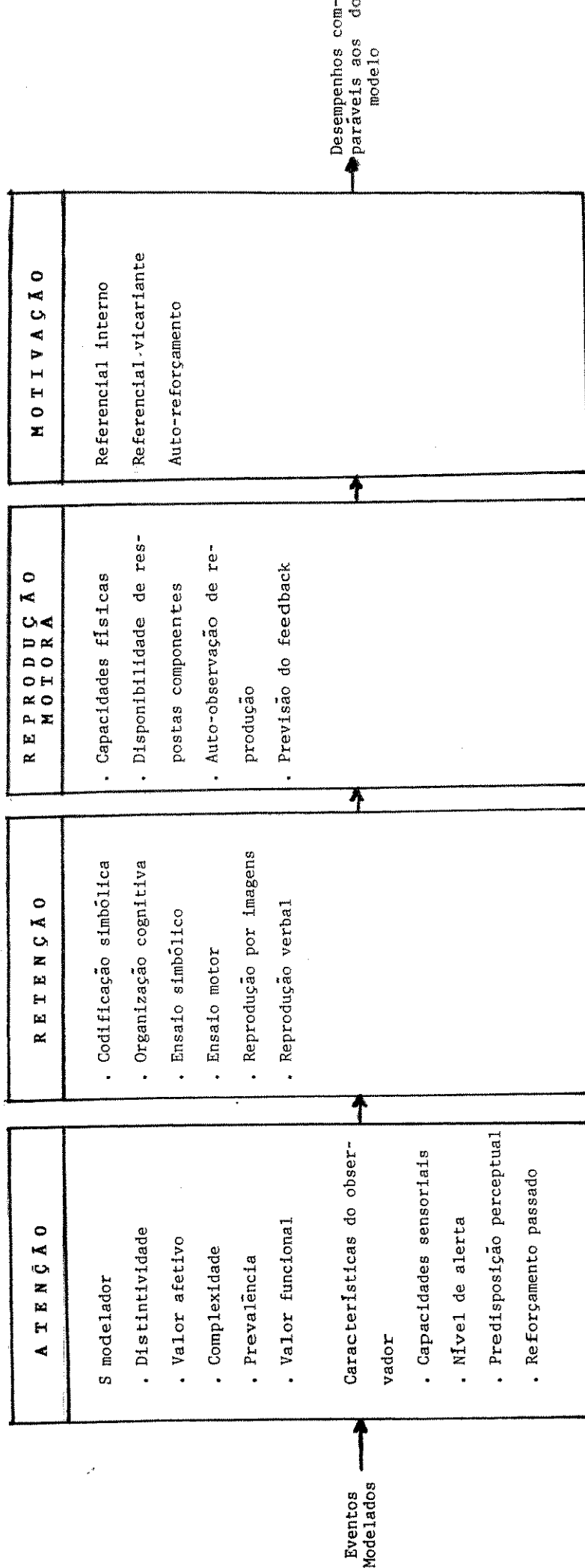


Figura 1 - Componentes do processo de modelação (apud BANDURA, A. Social Learning Theory. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1977, p.23).



Os processos atencionais permitem que o observador selecione aspectos relevantes do objeto-estímulo para observar. A seleção depende de fatores ligados ao estímulo, tais como saliência, organização e poder reforçador; de fatores ligados à situação; da ausência de estímulos competitivos, da natureza de instrução ou indução, dentre outros. Tais fatores estão estritamente relacionados. A função-estímulo do comportamento do modelo é constituída pela interação do observador com ele. Isto é, este tenderá a atentar para um padrão de estímulos, em virtude de suas características pessoais e de sua experiência passada com esse estímulo, ou outros da mesma classe.

O processo de retenção envolve interpretação e integração dos dados da observação. Imediatamente antes da reprodução motora, o indivíduo compara a situação atual com os elementos observados, seleciona as ações relevantes, realiza ensaios encobertos e finalmente desempenha o comportamento imitativo. O estabelecimento do comportamento imitativo é afetado por reforçamento contingente, mas este não é o elemento mais crítico da modelação. É mais importante o reforçamento vicariante, decorrente da observação da consequência experienciada pelo modelo. Reforçamento e punição vicariantes têm efeitos desinibitórios e inibitórios sobre a modelação (Bandura, 1969 e 1977).

A modelação pode ocorrer ao vivo ou mediante situações simbólicas. Em ambas está em jogo a elaboração cognitiva que o observador faz dos significados atribuídos às ações do modelo, com base em experiências passadas e em elementos da modelação.

A modelação simbólica tem um poderoso potencial multiplicador, tanto do ponto de vista do número de pessoas que podem ser simultâneã e sucessivamente afetadas pelos vários níveis de representação que o modelo pode assumir, como pelas grandes chances de generalização que abre para o indivíduo e seu grupo. Permite também aprendizagem de informações sobre como sintetizar sub-habilidades em novos padrões comportamentais.

Modelos simbólicos podem atuar como instrutores, inibidores, desinibidores, potencializadores do valor do estímulo e geradores de prontidão emocional.

Assim por exemplo, no desenvolvimento de comportamento preconceituoso em relação ao idoso, um modelo pode atuar tanto como professor quanto como desinibidor de comportamentos preconceituosos, dependendo de fatores como por exemplo status, interesse que desperta, capacidade de indução e potencial informativo.

Uma extensão do mesmo raciocínio permite dizer que a modelação simbólica pode determinar a aprendizagem de papéis, expectativas e normas sociais referenciadas à idade, e também a gênero, profissão e raça, dentre outros. No caso de papéis e normas etárias, poder verificar quais os efeitos de determinadas ações sobre o ambiente e o comportamento dos semelhantes é central à aprendizagem social.

A modelação simbólica através de meios impressos e televisivos, do computador, do cinema e da propaganda, tem o poder de expandir as possibilidades de se educar crianças e adultos, ultrapassando os limites impostos pela ação direta de professores e familiares. Esses meios podem en-

fim transpor proibições sociais, limitações especiais e temporais, bem como limitações de recursos pessoais.

No entanto, o impacto desses veículos é limitado por fatores históricos (do observador) e contextuais. Ou seja, a abrangência de sua influência depende da capacidade de responder dos observadores e do impacto da mensagem sobre eles. Dessa forma, é difícil estabelecer objetivamente qual é o melhor modelo para se desenvolver determinado tipo de atitude em relação ao idoso.

O princípio de modelação é útil para se compreender o que pode acontecer com a criança em contato com textos literários infantis, quando se trata de aquisição de atitudes em relação a objetos sociais, como por exemplo velho e velhice. É interessante também para explicar o que se passa no âmbito da chamada aprendizagem incidental.

A aprendizagem incidental ocorre principalmente na infância, pelo incentivo externo dado à criança quanto a buscar reforços positivos através de comportamentos valorizados pelos adultos (Staats, 1963). Segundo Bandura (1969), a criança utiliza-se de sua percepção para observar o meio ambiente e imitar as atitudes e comportamentos aceitos socialmente.

A aprendizagem incidental está presente na vida, nos vários lugares em que as pessoas se relacionam socialmente. Witter (1987) lembra que raramente se sabe qual a motivação ou mesmo quando foi aprendido um comportamento resultante de aprendizagem incidental. Mesmo assim ela pode acontecer: na sala de aula, no recreio, no caminho para a escola, em casa e outros lugares, sem que necessariamente a

pessoa esteja ciente da ocorrência da aprendizagem (Stokes e Pankowski, 1988).

As atitudes são aprendidas principalmente em situações não planejadas e incidentais, comuns às situações de interação familiar e escolar. Ocorre tanto em contatos face-a-face, quanto por intermédio de meios simbólicos.

As disciplinas acadêmicas podem também ensinar além do objetivo planejado. Assim, num livro sobre História do Brasil, além dos fatos narrados, pode-se aprender incidentalmente sobre a aparência física, as atitudes e valores dos protagonistas e heróis. As informações muitas vezes são breves e superficiais, mas a criança aprende (Miceli, 1985).

Santos (1975, apud Witter, 1987) enfatiza a importância do professor no processo de aprendizagem incidental, pela alta valorização em geral dada a ele pelos alunos, e pelos estímulos reforçadores por ele liberados, que fazem dele ao mesmo tempo, agente motivador, fonte liberadora de reforços e modelos para os alunos.

Somados à figura do professor, os recursos didáticos são também meios que veiculam valores e conceitos que vão além do conteúdo intencionalmente planejado. É possível que o professor, sem estar ciente, transmita valores, idéias, comportamentos e preconceitos aos seus alunos, quer pelos materiais que seleciona para ensinar, quer pela emissão de opiniões sobre uma matéria ou tema, em detrimento de outros (Witter, 1987).

A literatura infantil é um agente importante de transmissão cultural. Desde muito cedo as crianças leitoras têm chance de aprender incidentalmente numerosos valores, costu

mes, atitudes e estereótipos vinculados aos textos. Retra-  
tando uma visão adulta de mundo, utilizando-se da estrutu-  
ra do texto e da linguagem, a literatura interfere na rea-  
lidade imaginária da criança, transmitindo-lhe ideologias.  
Por outro lado, o livro de literatura pode ser usado para  
ampliar a percepção da criança, formando leitores críticos  
da realidade e de outros textos. Para isso, a participação  
do professor promovendo a motivação do hábito de ler, sele-  
cionando e trabalhando com o livro em sala de aula é de  
grande importância (Zilberman, 1985).

#### **- A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DA LITERATURA INFANTIL -**

Segundo Zilberman e Magalhães (1982), a literatura  
infantil apareceu principalmente para cumprir funções peda-  
gógicas. Sua origem remonta ao século XVIII, na Europa,  
quando a estrutura social passava por processo de profun-  
das mudanças. A ascensão da burguesia ocasionou mudança  
de atitudes sociais em relação à criança, que passa a ser  
valorizada e passou a interessar à Pedagogia e à Psicologia. As  
novas demandas do trabalho, da produção e da economia exi-  
giram a reorganização da escola e o início da obrigatorie-  
dade do ensino infantil. Consolidava-se uma nova sociedade,  
que passou a necessitar e a exigir a difusão de histórias  
infantis com interesse educativo e moralizante. Escola e  
literatura infantil então se associam, visando a ampliação  
desse papel pedagógico da literatura infantil (Lajolo e Zil

berman, 1985).

Nessa época, o assunto predominante era o mundo dos adultos, mas no século XIX as histórias infantis passaram a ter como personagens principais os heróis infantis e juvenis, característica que se mantém até hoje.

Conforme Khede(1986) e Chinen(1987) os textos infantis de uma época fornecem dados sobre os valores e costumes nela vigentes.

Existe uma quantidade apreciável de textos nacionais que discutem a questão da transmissão cultural de valores, crenças, atitudes e ideologias por intermédio da literatura infantil. Há diferentes opiniões quanto aos mecanismos sociais e institucionais de controle e poder que se manifestam por meio desse material (Abramovitch, 1983; Zilberman e Magalhães, 1982; Lajolo e Zilberman, 1985; Zilberman, 1985; Cadermatori, 1987). Há porém pouca pesquisa empírica sobre o assunto.

Na Itália, Bonazzi e Eco (1980) analisaram o conteúdo de textos para a escola primária. Levantaram nos textos as formas como são trabalhados temas tais como: os pobres, o trabalho, o herói, a pátria, a escola, raças e povos da terra, a família, Deus, educação cívica, os menores que trabalham, a história nacional, a língua, ciência e técnica, dinheiro, caridade e previdência social. Apontaram a veiculação de idéias mantenedoras de preconceitos, como discriminação e superioridade racial dos italianos quando comparados com outros povos. No Brasil, Nosella (1981) examinou livros de comunicação e expressão adotados pelas escolas estaduais do primeiro grau no Estado do Espírito Santo. Analisando texto, capa e ilustração, concluiu que mui-

tos temas pedagógicos, como por exemplo a família são retratados de forma acrítica e distante da realidade. Rego (1981) realizou pesquisa semelhante em cidades do Rio de Janeiro, com textos de Comunicação e Expressão para o primeiro grau e, dentre outras conclusões aponta a subrepresentação da mulher. Faria (1984) analisou livros de Comunicação e Expressão, enfocando a ideologia subjacente aos textos. Conclui que os livros divulgam uma ideologia burguesa, contribuindo para o conformismo da classe operária (apud Witter, 1987).

Replicando a estrutura de análise e as conclusões de Bonazzi e Eco, Abramovitch (1983) produziu um conjunto de ensaios e opiniões a respeito de literatura infanto-brasileira. Realizou entrevistas informais sobre o gosto das crianças em literatura, música, teatro, televisão e brinquedos, a fim de discutir a qualidade desses veículos direcionados para o público infantil. Concluiu que as produções estão longe da realidade e do gosto da criança, têm uma qualidade inferior, se comparadas com as destinadas aos adultos, menosprezam a capacidade de compreensão do público infantil. Opina mesmo que uma criança inteligente deve considerá-los tediosos.

Preocupadas também com a qualidade, Zilberman e Bordini (1989) coordenaram uma pesquisa sobre livros para alunos de 1º e 2º graus, baseando-se no material disponível no mercado editorial brasileiro. Levantaram os interesses e expectativas típicas dos alunos de faixas etárias e séries determinadas. Assim, os livros foram classificados como "recomendáveis" ou "não recomendáveis". Elaborou-se um guia

para o professor para ajudá-lo a selecionar de uma forma mais objetiva os livros a serem indicados aos seus alunos.

Um dos problemas, na decodificação dos textos, é a atuação da escola e do professor, onde idealmente segundo Garcia (1988), o professor deveria ser um leitor hábil e assíduo, preparar-se para diferentes leituras que cada texto exige, e mediar o contato de seus alunos com os textos, sem prejudicar nem o texto, nem o leitor.

Em Psicologia, o estudo mais conhecido, considerado clássico na área de análise de conteúdo da literatura infantil, é o do psicanalista Bettelheim (1980). A partir de um referencial freudiano relaciona enredos, personagens, conflitos e soluções típicas dos contos de fadas a providências culturais voltadas para o direcionamento da afetividade e dos conflitos internos das crianças.

Segundo a Câmara Brasileira do Livro, a tiragem média de livros para adultos no Brasil é de 3.000 exemplares. A de crianças é de 10.000. Mesmo considerando que há mais crianças que adultos na população, é necessário concluir que, em termos absolutos, as crianças têm maior chance de contato com textos literários, principalmente a partir da intermediação da escola. A escola, o professor, a biblioteca, o editor e o livreiro exercem um poderoso papel na determinação do que, como e quando uma criança lê (Palo, 1986). É importante notar que, apesar do avanço das novas tecnologias da informação, o livro ainda é o recurso mais usado pela escola (Witter, 1987).

Estudos em Psicogerontologia e Gerontologia social têm revelado que objetos sociais tais como o idoso, o homosse-



xual, o deficiente, o negro, a mulher e outras minorias, em relação aos quais existem políticas e práticas discriminatórias, em geral aparecem com frequência proporcional menor nos meios simbólicos do que na população em geral. Além disso, sabe-se que, com grande frequência, estudos utilizando análise de conteúdo têm demonstrado que estas categorias são apresentadas de forma negativa. Várias pesquisas apontaram que o idoso é negativamente representado, com frequência por meio de preconceitos e estereótipos. A esse respeito ver Duncan, 1963 e Hoynes, 1962 e 1963 (sobre livros de ficção para adultos); Martel, 1968 (artigos de revistas norte-americanas de 1890 a 1955); Barnum 1977, Blue 1978, Seltzer e Atchey, 1971 (produções de humor); Peterson e Eden, 1977 (literatura para adolescentes); Sohngen e Smith, 1978 (poesias); Dillan e Jines, 1981 (cartões de aniversário) (apud Neri, 1991a). Também a televisão (Wobner e Gunter, 1982, Holtzman e Akyama, 1985, Stokes e Pankowski, 1988); os contos de fadas (Chinen, 1987) e revistas destinadas ao público infantil (Almerico e Filmer, 1988).

Os estereótipos são opiniões e pressuposições formados a partir da experiência pessoal direta ou por observação. Representam uma super-generalização de informações referentes a casos particulares. São mediadas por circunstâncias culturais (Wheless e Charles, 1973, apud Peterson 1977). Um estereótipo é mais vinculado a aspectos afetivos e emocionais do que à realidade objetiva. O uso de estereótipos negativos em relação ao idoso podem atuar reforçando preconceitos individuais e sociais, resultando em discriminação e temor da velhice pelo jovem e pelo idoso.

Chinen (1987) localizou uma amostra de 2.500 contos de fadas pertencentes à tradição cultural de vários países. Dentre esses, apenas 2% tinham idosos como protagonistas. O autor levanta e discute seis temas, a seu ver emergentes nessas lendas sobre velhos: pobreza, auto-reconstrução, transcendência, sabedoria, inocência emancipada e contato com o sobrenatural. A seu ver, esses contos cumprem em parte a função de transmitir noções sobre o curso de vida e a psicologia do idoso.

Dobrosky e Bishop (1986) estudaram a percepção de crianças em relação à pessoa idosa, utilizando-se da análise das redações das próprias crianças. Em seus resultados levantou-se a suposição de que crianças que têm contato direto com pessoas idosas demonstram atitudes mais positivas em relação a elas, e que diferenças sócio-econômicas influem na percepção das crianças em relação ao velho. Rich, Myrich e Campbell (1983) e Kremer (1988) estudaram os efeitos de informações sobre o idoso sobre as atitudes das crianças. As duas pesquisas registraram mudanças de atitude, após as crianças terem recebido informações positivamente planejadas sobre o idoso.

#### - Objetivos -

Admitindo-se a importância dos textos literários infantis na educação das crianças e considerando-se que dispomos de relativamente poucas informações científicas a esse respeito, parece relevante empreender estudos brasilei-

ros sobre conteúdos de livros infantis e juvenis, no sentido de identificar indicadores de que tipos de atitudes sociais estão sendo veiculadas quanto a determinados objetos sociais, do interesse do pesquisador e/ou do sistema escolar.

. . .

Assim sendo, esta pesquisa teve a finalidade de estudar o conteúdo de textos literários destinados a crianças de 9-10 anos de idade, procurando-se identificar as maneiras como as características de pessoas idosas e a realidade da velhice são veiculadas nesse material.

## - M É T O D O -

A seleção da amostra de livros a serem analisados exigiu uma pesquisa prévia no sentido de se poder identificar textos e autores de literatura infantil provavelmente lidos por crianças de 9 a 11 anos de idade.

Para tanto foi realizada uma pesquisa de levantamento com 112 professores de 3ª e 4ª séries do 1º grau, em 43 escolas da Primeira Delegacia de Ensino de Sorocaba, Estado de São Paulo. Esta foi sorteada ao acaso dentre as duas existentes na cidade, mas as escolas representaram a totalidade dos estabelecimentos de 1º grau aí registrados. Dentre as escolas, 33 eram estaduais, oito particulares e duas municipais. No Anexo 1 são apresentados os nomes dessas escolas.

A opção por essas séries escolares foi devida à observação de que é aproximadamente nesse momento da escolaridade primária que as indicações para leituras de textos literários tornam-se mais freqüentes, sistemáticas e acompanhadas pelos professores. Dessa forma, perguntar a estes o que costumam adotar parece ser uma boa fonte de informações a res-

peito do que as escolas valorizam como conteúdos literários a serem veiculados entre seus alunos.

A coleta desses dados foi feita por intermédio de um questionário impresso em que se solicitava que os professores listassem os livros que estavam adotando no momento, bem como os que não estavam, mas gostariam de adotar. O encaminhamento do questionário foi feito pessoalmente pela pesquisadora, ocasião em que era explicado o motivo do levantamento (subsidiar uma pesquisa sobre leitura no 1º nível do 1º grau), e combinado um prazo para devolução (até duas semanas).

De um total de 172 questionários entregues foram recolhidos 112, cuja análise permitiu a organização de uma lista com 114 citações diferentes (ver Anexo 2).

Foram comuns citações genéricas, como por exemplo, "Obras de Monteiro Lobato" e "Contos de Grimm". Ocorreram também, com grande frequência, citações incompletas quanto ao nome da editora, o ano da publicação e mesmo o nome do autor. Ao verificar os livros, porém, foi possível observar que muitas vezes as editoras deixam de informar corretamente o leitor sobre esses elementos das suas edições.

Em outros casos, os professores indicaram nomes de capítulos como sendo livros, citaram apenas o nome do autor, ou então repetiram o título com autores diferentes.

No trabalho de verificação das referências, não foram encontrados livros, quer por estarem com a edição esgotada ou fora de catálogo, quer por não se ter conseguido obter referências bibliográficas corretas.

Assim sendo, a lista original de 114 livros ficou reduzida para 95. Desse total, 87 eram textos em prosa, dois de

poesia e seis eram contos; 90 eram obras de autores brasileiros; cinco, traduções de autores estrangeiros. Dentre os títulos brasileiros, nove eram textos tradicionais, de autoria de Monteiro Lobato, Maria José Dupré e Érico Veríssimo; 41 eram textos mais recentes, produzidos nas décadas de setenta e oitenta. Entre os textos estrangeiros figuraram dois títulos de Andersen, dois de Grimm e "Pollyana", de Porter.

Ao se verificar quais eram as editoras desses 95 textos, observou-se que 23,2% eram publicações da Editora do Brasil, 14,7% da Ática, 12,6% da FTD e o restante de várias casas editoras. Setenta e oito por cento dos textos eram publicações oriundas dos Estados de São Paulo, 22% do Rio de Janeiro e 1% do Rio Grande do Sul.

De um modo geral a apresentação gráfica desse material deixa a desejar em qualidade. Segundo a interpretação de Rosenberg (1985), isto ocorre porque as editoras subestimam o leitor infantil, e oferecem uma produção "improvisada". Um exemplo disto é o fato de nem sempre os livros trazerem informações completas sobre a bibliografia. Assim, apenas 23,2% dos livros trazem todas as referências e em 76,8% a bibliografia é incompleta. Na amostra dos 95 livros, selecionados para esta pesquisa, 61,0% não traziam informações sobre o ano da primeira edição, e 20,0% sobre o ano da edição. Além disso observamos informalmente que alguns livros não apresentam numeração das páginas ou dos capítulos. Nossa amostra, a Editora do Brasil é líder na ausência de referência bibliográfica completa.

Rosemberg argumenta que para se incentivar o hábito de leitura nas crianças, é preciso aprimorar o material que ela

vai manipular, tanto no que se refere ao conteúdo, como à qualidade da impressão, ilustração e organização dos dados bibliográficos, acostumando a criança a verificar as fontes de sua leitura.

Idealmente o professor poderia servir de agente pressionador das editoras, não adontando livros com referências bibliográficas incompletas, pois isso prejudica, em parte, a possibilidade de avaliação do material.

Independentemente desses problemas, o conjunto de 95 livros referenciados pelos professores foi submetido a exame, para se verificar em quais o idoso aparecia como personagem, narrador, ou fonte de informação.

### **Critério para Seleção dos Textos**

Foi utilizado como critério para localização de material que veiculava imagens sobre o idoso: a menção clara, no texto ou em ilustrações, de que o personagem, narrador ou fonte de informação era idoso.

A menção podia ser de idade cronológica (mais de 60 anos), ou então, de rótulos sociais, como por exemplo, "aposentado"(a), "velho"(a), "velhinho"(a), "vovô"(ó). Em alguns casos, o status de idoso podia ser depreendido de descrições do estado físico, de inatividade e de metáforas, estas associando pessoas idosas a objetos ou elementos da natureza (por exemplo: "árvore nodosa e curvada"; "o inverno da vida").

A partir desse critério, observou-se a presença de imagens de velho e velhice em 46,3% dos textos. Destes foram ex-

cluídos cinco estrangeiros, dois de contos e dois de poesia, por não se coadunarem com os objetivos da pesquisa. Restaram 34 textos de ficção em prosa, cobrindo os gêneros drama, comédia, aventura e fantasia, além de um romance histórico-biográfico. Esses 35 livros, 26 dos quais ilustrados, foram portanto o material analisado na pesquisa. No anexo 3 aparece a relação dos títulos, já com as referências bibliográficas completas.

### **Procedimentos**

Foi realizada uma análise de conteúdo, nos moldes propostos por Bardin (1979), visando ao levantamento de elementos significativos aos objetivos da pesquisa e sua posterior categorização. Para tanto foi elaborada uma ficha de registro de ocorrências, cujo formato final aparece no anexo 4. Ela foi passando por modificações no decorrer das leituras, de acordo com aparecimento de aspectos interessantes para análise.

Foram realizados registros a respeito dos seguintes aspectos:

1. **Aspectos demográficos** (nome, sexo, raça, idade, escolaridade, nível sócio-econômico, profissão, estado civil, residência, habitação e com quem o idoso vive).



2. **Aspectos físicos e psicológicos** (como o idoso é apresentado fisicamente; que tipo de roupa usa; menções a cabelos, dentes, pele, aparência geral, pêso, atividade/passividade, expressão emocional feliz/infeliz; menção a doenças físicas ou psicológicas e menção à morte).
3. **Interação social** (quem são os personagens que se relacionam com o idoso - pessoas da família, crianças, adultos, estranhos, ou pessoas da mesma idade).
4. **O comportamento do idoso** (aspectos sociais, afetivos, cognitivos, ocupacionais, religiosos, valores, dentre outros), complementares aos itens 2 e 3.
5. **Uso do termo "velho"** (se é usado como adjetivo ou substantivo, se para referenciar coisas e/ou pessoas, de modo genérico ou específico).
6. **Adjetivos usados para qualificar os personagens idosos.**

Os protocolos de registro permitiram ainda a inserção de um resumo da trajetória do personagem idoso no texto, do enredo do livro e de citações textuais que fossem importantes para contextualizar e integrar os dados. Para cada idoso que apareceu nos textos foi preenchido um protocolo.

Para o preenchimento das fichas de registro e posteriores categorização dos dados, foram utilizados simultâneamen

te informações do texto e das ilustrações, com o cuidado de buscar uma compreensão que excedesse o sentido literal. Isto com freqüência significou fazer inferências e procurar contextualizar o personagem idoso no todo.

Embora se admita que a subjetividade do pesquisador interfere na elaboração e coleta dos dados, houve preocupação com a objetividade da análise. Por esse motivo, foram convidados mais dois leitores para realizar o exame dos textos e o registro de ocorrências. Ambos eram do sexo feminino e se ocupavam de docência no ensino de 1º grau e no ensino técnico.

Dos 35 livros analisados, quatro foram atribuídos à autora desta pesquisa e ao leitor A, outros quatro à autora e ao leitor B e mais um foi lido em comum pelos três. A discussão com esses interlocutores provavelmente favoreceu a objetividade da análise. Foram feitas várias alterações na ficha de registro, até que todos estivessem de acordo. Só então a autora procedeu à análise do restante do material.

Para o preenchimento de cada protocolo foi realizada uma primeira leitura dos livros, segundo Bardin (1979), uma leitura flutuante, a fim de se entrar em contato com o material e levantar hipóteses sobre as categorias a serem analisadas. Aproveitou-se esta leitura para fazer um resumo de cada livro e marcar as páginas em que apareciam referências a idosos.

Em leitura posterior, a atenção se concentrava nas referências previamente marcadas, podendo ser feito um resumo do personagem idoso no contexto do enredo, bem como anotações sobre citações interessantes. Foi realizada uma terceira

ra leitura para o preenchimento do protocolo e organização dos dados sobre o texto e as ilustrações.

## - RESULTADOS E DISCUSSÃO -

A análise de conteúdo visou principalmente a detectar aspectos qualitativos. Quando útil à contextualização, foram computadas informações de natureza quantitativa. Elas permitiram avaliar o peso relativo das diversas noções sobre o idoso veiculadas nos textos.

Os itens observados e registrados resultaram numa certa quantidade de dados, a partir dos quais foram realizadas abstrações de temas gerais, que serão objeto de análise neste tópico.

O primeiro tema foi o idoso como fonte de referência cultural, que emerge a partir de menções ao velho como conselheiro, depositário da memória do grupo e fonte abalizada de informações a respeito dos valores e costumes nele vigentes. Neste tema emerge a imagem de sabedoria associada à velhice, bem como as idéias de continuidade do desenvolvimento individual e da história de gerações sucessivas.

O segundo tema foi velhice e integração social das pessoas dessa categoria etária. Abrange relações familiares e

conjugais, local de residência, nível de renda, escolaridade, atividades ocupacionais e de lazer, relações intergeracionais.

O terceiro tema abstraído dos registros foi a despersonalização do idoso, sugerida pelo abuso de designações genéricas e de diminutivos que acarretam inferiorização.

O quarto e último tema abstraído foi o da associação entre velhice, preconceitos e estereótipos fundamentados na idéia da inferioridade biológica, psicológica e social da totalidade dos idosos, com base em observações particulares. - Frequentemente esses preconceitos são validados pela ciência e pelas instituições (Schaie, 1988).

Os preconceitos analisados tomam como referência a decadência física e a morte; analogias com elementos da natureza; negação; desvalorização; costumes e agressão por meio de humor.

Nos 35 textos analisados foram localizados 63 idosos, sendo 33 mulheres e 30 homens. Em 62% eram fonte de referência cultural; em 23,5% apareciam como figurantes sem importância na trama, e em 14,5% como personagens secundários e de apoio à trama. Em nenhum texto aparecem como personagem principal.

## 1. O Idoso como Fonte de Referência Cultural

A noção de velhice é fortemente associada à de sabedoria. Das sociedades arcaicas às contemporâneas, das rurais às urbanas, a sabedoria resultante da experiência é um atri-

buto inquestionável da velhice. No entanto, o processo de modernização social coincide com uma queda no prestígio dos idosos, em parte decorrente das diferenças educacionais que se instalam entre as gerações mais novas e mais velhas, as quais dificultam o real exercício do papel de "sábios" pelos idosos (Neri, 1991a).

A despeito disso, no entanto, a figura do velho como detentor da sabedoria, da memória, das tradições e dos valores do grupo permanece fortemente arraigada nas sociedades. Isto é particularmente verdadeiro no Brasil, país em que se convive com uma grande variedade de realidades sociais, econômicas e culturais, e no qual a imagem do velho não é homogênea (Neri, 1991a e 1992b; Debert, 1992).

A manutenção de uma figura idealizada do idoso, enquanto fonte de referência cultural, cumpre uma função pedagógica importante de estabelecer ligações entre o presente e o passado, dar sentido à experiência do grupo, homogeneizar e manter padrões culturais. É provavelmente por isso que é veiculada de forma tão expressiva pela literatura infantil.

Como se sabe, os textos infantis são expressão e reflexo daquilo que a sociedade, ou uma parcela dela, num dado momento histórico, pretende ensinar como social e moralmente válido a seus membros mais jovens. Nada mais compreensível, portanto, que tanto a literatura infantil tradicional — representada pelos contos de fadas, mitos, lendas e fábulas —, quanto a literatura infantil atual, ambas criadas pela humanidade para educar seus filhos, continue veiculando essas imagens.

No caso da presente análise, 62% dos personagens ido-

soz aparecem como narradores, fontes de referência cultural e depositários de memória do grupo, justamente numa época em que, simultaneamente à leitura de textos, as crianças podem interagir com sofisticadas tecnologias da informação. Ou seja, mesmo podendo conviver com computadores capazes de reter e processar enormes quantidades de informação, em curto espaço de tempo, os escolares são colocados em contato com um ser humano capaz de memorizar informações sobre o grupo e transmitir modelos de conduta para as gerações mais novas.

Na maioria desses textos, os idosos nem chegam a narrar integralmente a história, mas apenas o essencial: introduzem os fatos e depois as conseqüências, o que é suficiente para o objetivo de transmitir valores.

Para todos contar histórias é ato natural e rotineiro. Assim, por exemplo, em Com a ponta dos dedos e olhos do coração, a bisavó sempre está interagindo com o neto contando-lhe histórias e lembranças...

*... "E aã ela conta suas histórias... voz meio rouca contando e recontando histórias" ... (p.10).*

No livro Bisa Bia Bisa Bel:

*... "passei a ter longas conversas com Bisa Bia ... ela contava do tempo dela, ensinava coisas, falava de lembranças, dava conselhos" ... (p.22).*

Em O mistério do rabanete vermelho, um menino com problemas de relacionamento social, ao passar as férias com o

avô, desabafa e consegue superar a "crise" ...

*... "cada dia eu e o vovô ficávamos mais amigos... minha avô me deu um livro ... e leu uma história ..."*

Neste caso principalmente, ao agir como conselheiro do neto, o avô se remete ao passado, relembra a infância do filho, faz comparações com o presente e identificações entre o adulto e a criança. A noção de continuidade da experiência entre as gerações parecem fazer bem ao neto.

O idoso também é apresentado solucionando ou dando in formações para desvendar a trama da história. Em geral, nesses casos, aparece no texto por um curto período de tempo, apenas para fornecer a informação importante para o enrêdo e depois desaparecem por completo da história. Ou seja, o ido so é apresentado como ser de grande sabedoria, porém estático e adaptado à situação de não interferência visto que os comportamentos instrumentais à solução de problemas são pessoas mais jovens. O idoso, mesmo sábio, se mantém improdutivo, não competindo nem ameaçando o jovem.

Muitas vezes os idosos procurados para aconselhar são personagens de fantasia (magos, bruxos, oráculos), encontrados em lugares afastados, isolados e de difícil acesso, obrigando o jovem a percorrer trilhas e dificuldades que o fazem merecedor da resolução de seu problema.

Ao submeter o jovem a provações, segundo Bettelheim (1980) o idoso permite que aquele amadureça e seja reconhecido como adulto.

Tal imagem encontra correspondência nas representações



tradicionais do idoso, que o remetem a um papel mítico-religioso de estabelecer ligação entre os mundos natural e sobrenatural e de ordenar a realidade (Cowgill e Holmes, apud Neri, 1991a).

Segundo os antropólogos, nas culturas que geraram tais imagens, de certa forma presentes até hoje em nossas idealizações sobre o idoso, o idoso tinha grande prestígio e poder. Muitas vezes era temido ou odiado pelos jovens, mas quase nunca era abandonado ou segregado, em virtude do valor cultural que representava (Neri, 1991a).

Freqüentemente o idoso é apresentado como conselheiro. Crianças e adultos procuraram-no para desabafarem-se e terem orientação. Encontram invariavelmente idosos disponíveis, com tempo e paciência para ouvir, o que talvez não seja muito condizente com a realidade.

Ao apresentar o idoso como fonte de referência cultural, um dos textos cumpre de maneira exemplar o papel de veicular as noções de continuidade no desenvolvimento individual e cultural.

Em O fantástico mistério da Feiurinha uma empregada doméstica idosa diz:

*... "quem me contou há mais de 60 anos atrás foi minha avô, que também ouviu da avô dela" (p.56).*

No Reizinho mandou, Ruth Rocha escreve a história do avô:

*... "Eu vou contar uma história que meu avô sempre*

*contava" ... (p.6).*

Bisa Bia Bisa Bel retrata a relação de uma bisavó centenária (Bisa) com sua bisneta (Bia), por meio de uma fotografia antiga. Nos diálogos entre as duas Beatrizes são confrontados hábitos antigos e atuais.

A bisavó fala sobre o seu tempo; os objetos que tinha, os tipos de doces, de como uma menina deveria agir para ser educada e comportada. A neta também fala sobre o tempo presente, a tecnologia, comidas e comportamento da mulher. Interessante nesta troca de informações, é que as duas se assustam e têm dificuldades de entender a realidade da outra.

Com esse jogo de passado e presente, a autora mostra o dinamismo do tempo, a continuidade da vida, e que os pensamentos, comportamentos e valores das pessoas idosas refletem a época em que viveram, assim como nossos pensamentos e valores reproduzem o nosso tempo.

Ao final o livro completa a noção de continuidade, quando projeta no futuro uma personagem que será bisneta da criança atual. Assim fecha-se o ciclo, mostrando à criança que ela também será um dia uma pessoa idosa. Permite também que o leitor reflita sobre os valores atuais: o que se acredita ser verdade hoje, poderá modificar-se amanhã. Este texto transmite conceitos de envelhecimento, sem utilizar de estereótipos negativos sobre o idoso, mas veiculando saudáveis noções de continuidade nas questões do desenvolvimento humano e de relatividade de valores e costumes culturais.

Mesmo personagens analfabetos transmitem valores através de histórias. Ao prestarem serviços às crianças, ajudan-

do-as em alimentação e higiene, brincando com elas e contando-lhes histórias, perpetuam os costumes valorizados pelo grupo.

A esse respeito, analisando uma amostra de textos da literatura norte-americana de ficção realística para crianças, Blue (1978) verificou que o idoso desempenha essas funções educativas, de ajuda e de transmissão de ensinamentos, o que parece ser uma característica esperada e valorizada pelo grupo social. No entanto, a ação pedagógica dos idosos é relativamente restrita às crianças do seu convívio familiar. É caracterizada por forte enfoque formal e intencional quanto a orientar e moralizar. Ao fazê-lo o velho cumpre um papel esperado, e isto lhe confere o status (Cowgill e Holmes, apud Neri, 1991a).

## 2. Velhice e Integração Social

As imagens sobre velho e velhice, com respeito a formas de interação social com a família e a sociedade, são igualmente variadas.

Trinta e dois por cento dos personagens idosos são viúvos e vivem com filhos e/ou netos, ajudando-os com conselhos, orientação e trabalhos domésticos. Em 29,0% não há menção à família, sendo comum a menção à convivência com animais de estimação. Vinte e três por cento vivem sós (em grutas, florestas, montanhas e castelos, ou em suas casas).

Os idosos casados (16%) moram juntos têm contato com a família, mas não residem com familiares na mesma casa, o que

parece replicar a realidade dos arranjos habitacionais predominantes nas cidades.

Muito embora na maioria das idealizações o idoso viva respeitado, prestigiado e cercado de familiares mais jovens, todos juntos na mesma casa, a tendência de hoje os idosos morarem sós é evidente. Isto não significa porém que são necessariamente infelizes, pois a idéia de "intimidade à distância", facilitada pelo aumento da mobilidade e pelo aperfeiçoamento das formas de comunicação à distância é cada vez mais difundida. O fato de os idosos morarem sós portanto não implica necessariamente numa piora das relações intergeracionais (Debert, 1992). De uma certa forma, a despeito de também poder significar solidão, abandono e afastamento, a imagem do velho vivendo longe de seus filhos e netos possivelmente contribui para veicular noções sobre novas formas de sociabilidade.

Em sua maioria (76,0%), os personagens idosos residem em casas, e isto tanto vale para a cidade como para o campo. Não foram encontrados idosos morando em instituições, como ocorreu na pesquisa de Blue (1978). Talvez isto reflita a noção de que, no Brasil a família é responsável pelo seu idoso.

Em 65,8% dos casos, o nível de renda indicado por relativos bem estar e independência, parece ser bom. Mesmo nos personagens que são apresentados como pobres (34,2%), não se identificam problemas severos de ordem financeira.

A grande maioria é de raça branca (85,7%); possui alguma escolaridade, embora sem referência explícita, sendo que 77,8% são apresentados como leitores.

Os negros (11,1%) em geral não aparentam velhice nas

ilustrações, nem são caracterizados como os brancos quanto ao aspecto físico. Em geral o que identifica sua velhice é a idade (mais de 70 e mais de 80 anos). Todos são analfabetos, pobres e prestadores de serviços braçais e pouco valorizados socialmente.

Por exemplo, tia Nastácia diz:

*"... sou uma pobre negra que nunca fez outra coisa na vida senão trabalhar na cozinha para D. Benta e estes seus netos..."* (Viagem ao céu, p.644).

Os mestiços (3,2%) são ainda mais discriminados e não trazem referências sobre a instrução ou nível econômico. Índios e mulatos, não foram encontrados nos textos. Esses dados confirmam as impressões de Abramovitch (1983) e de Lajollo e Zilberman (1985) sobre representações do negro na literatura infantil.

Quando observada a atividade profissional dos personagens, encontramos dois grupos de idosos: os ativos (53,3%) e os inativos (46,7%). Dentre os ativos a maioria é masculina com cerca de 57% exercendo profissões reais tais como: proprietário rural e comerciante e (sitiante); (dono de bar ou parque). Em relatos fantasiosos, os velhos são magos, sábios ou fantasmas. Os inativos em geral são aposentados. Raramente são citadas as profissões exercidas anteriormente. Mais comum é só a citação de "velho aposentado", sem maiores informações:

*"... um velho aposentado de chinelos, suspensário e*

*paletõ de pijama, chegou perto preocupado..." (O dinossauro que fazia au,au, p.56).*

Sobre as profissões femininas, 39,3% das menções referem-se ao exercício de profissão reconhecida (cozinheira, empregada doméstica, sitiante), ou então ao exercício de funções irreais de bruxa, fada, fantasma e vampira. Para apenas 6,0% das personagens fica claro que estão aposentadas, e é explicitado o trabalho realizado antes (no caso, uma professora e uma soldada). Porém, em 48,5% das personagens femininas não há citação sobre desempenho de profissão. Entretanto, pelo modo como são apresentadas, podemos supor que continuam a desempenhar as atividades de "dentro de casa", o que não é reconhecido como profissão, mas como atividade natural da mulher, jovem ou idosa. Ao que parece, esta ocorrência dispensa referência textual por parte dos autores.

Quanto às profissões atribuídas aos personagens idosos, podemos observar que são atividades de pouca acuidade mental. Em geral são trabalhos que exigem pouca inteligência, como se o idoso não tivesse mais condições intelectuais, em virtude da velhice, o que é sem dúvida uma generalização inadequada.

Aparentemente os idosos apresentados estão adaptados ao meio social. Não há citações sobre insatisfação. Ao contrário, todos demonstram estarem tranquilos, felizes, sem qualquer tipo de problema, mas sempre dentro de casa, sem sair para lazer ou para participar de eventos sociais. Levam uma vida isolada:

"... vovô não saía de casa, ficava sentada horas e horas, lendo e conversando..." (O cachorrinho Samba, p. 14), separada do mundo produtivo e ativo.

As atividades, em geral, restringem-se a fazer crochê ou tricô, para as mulheres, e cuidar da horta ou de animais para os homens, sem dúvida menções que nem sempre encontram respaldo na realidade. Estão adaptados ao ambiente em que vivem, não incomodam aos outros personagens, e dessa forma a aparente adaptação, se configura mais como conformismo ou acomodação à situação, ou estratégia de evitação de conflitos. Podem ser substituídos por qualquer outro personagem, sem que se modifique o enredo.

Ainda com relação às profissões e atividades desempenhadas por homens e mulheres idosos é interessante notar que os primeiros são mostrados como mais instrumentais que as últimas. Assim, são os homens, mais que as mulheres, que costumam dar informações que encaminham a solução de problemas. Seu saber é incontestável, suas palavras obedecidas. Já as mulheres raramente elaboram intelectualmente as soluções. Reproduzem magias já testadas, mandam ler, recontam histórias. Enquanto o avô resolve, a avó faz trabalhos domésticos. Só num dos textos, A curiosidade premiada, uma idosa resolve problemas com seus conselhos. Mas é uma professora aposentada, o que pode significar que, para ter credibilidade, o conselho feminino tem que ser validado pela inserção profissional. Pode significar também valorização do papel feminino tradicional.

Não obstante as marcas de gênero, na maioria dos tex-

tos, a sabedoria é reconhecida como decorrência natural da idade. É comum aparecer sob a forma de metáfora:

... "Dedeco, um velho caminhãozinho... vivido, que sa  
bia muito bem para onde apontava o seu radiador e não pre-  
cisava de ninguém que o dirigisse" (O mistério do raba-  
nete vermelho).

Segundo Neri (1991a) o saber atribuído ao idoso não está ligado à curiosidade, à inovação e à solução produtiva de problemas, como no jovem. Sua sabedoria decorre do tempo vivido, da repetição, da memória que lhe possibilitam reproduzir soluções já testadas. As informações armazenadas é transmitida principalmente a crianças, em situações não ameaçadoras para nenhum deles, visto que a sabedoria do velho não conflita com a inventividade do jovem.

O velho é portanto, como um livro depositado numa estante: rico em informações, fica lá quieto, e só ajuda se for apanhado por alguém. Assim é o idoso, que espera ser solicitado a ajudar e deve estar sempre pronto para tal:

..." e o ancião pacientemente se esforçava para sa-  
ciar a curiosidade do menino" (As três caixinhas, p.66).

Os personagens idosos apresentados, em sua maioria interação com crianças (60%), sendo privilegiada a relação com netos (51% dos casos). Em 9% dos textos, o relacionamento da criança se dá com idosos que não são seus parentes. Esses dados confirmam os da pesquisa internacional sobre o assunto,



conforme mencionado por Chinen (1987). A interação idoso-adulto acontece em poucos textos, em geral veiculando conselhos, ou sobre educação de crianças ou sobre problemas adultos a serem resolvidos.

É interessante notar que raramente aparecem relacionamentos entre idosos, exceção feita a três dos liros, nos quais são citadas: uma reunião de anciões, que resulta numa decisão conservadora (Dráusio, o vampiro); rápidas conversas entre irmãos-fantasma, lembrando dos tempos de jovens (Pluft, o fantasminha) e conversas entre anões que vivem em comunidade dentro de uma montanha, relembando seus antepassados e a natureza fora da montanha (A montanha encantada). Mesmo os casais de idosos que aparecem nos textos, não dialogam nem se envolvem, juntos, em atividades sociais ou de lazer. Separadamente, seu lazer é o descanso, durante o qual eventualmente interagem com crianças.

No relacionamento idoso-criança, o papel mais evidente é de idoso-conselheiro, sempre disponível, amigável, tranquilo e com tempo para conversar com a criança, ouvir seus problemas, aconselhar, contar histórias com fundo moral e lembranças de sua época, ou informações que prendem o interesse da criança. A paciência, amabilidade, disponibilidade, estão presentes em praticamente todos os textos. Não há expressões de impaciência, raiva ou insatisfação. Nos raros casos em que admoestam, fazem-no com intuito educativo.

No máximo os textos declaram que os idosos estão cansados de fazerem a mesma coisa, de responderem às muitas perguntas feitas pelos netos, sempre muito curiosos. Não porém porque exista nas crianças algum traço de inadequação, exage

ro ou insistência, nem mesmo porque eles os velhos sejam impacientes enquanto pessoas. Cansam-se porque são velhos, e isto se opõe à atividade valorizada como positiva e apontada como típica da criança.

Na maioria dos textos, o cansaço é proveniente não só da idade, mas também da falta de perspectiva de vida e da proximidade da morte.

No livro O soldado que não era, comenta-se:

*... "Envelhecera muito, de repente, como se todo o peso do mundo lhe tivesse desabado nas costas. Ou como se o planeta tivesse girado tanto sobre seu eixo que acabasse não fazendo mais sentido algum - e fosse melhor para uma pessoa sensata como ele sentar e esperar a morte..." (p.41).*

No texto As três caixinhas, o rei interagindo com o neto:

*"... ficava muito cansado, de modo que pedia ao neto para descer do seu colo..." (p.66).*

Como solução apresentada para esse cansaço natural da idade, os textos mostram o idoso descansando em cadeiras de balanço e poltronas:

*"... passava os dias na cadeira de balanço que rangia...: "... vivia dormindo e roncando..." (Pluft, o fantasmilha); "... encontrou-o sentado... aqueitando ao sol..." (O saci, p.205).*

### 3. Velhice e Despersonalização

A heterogeneidade de imagens sobre o idoso vigentes na sociedade é bastante bem representada pelo confronto entre a reverência com que é tratado no papel de fonte de referência cultural e a despersonalização com que os textos lidam com ele em outros papéis.

Devido à geral insignificância dos papéis a eles atribuídos, dados sociológicos não são citados na maioria dos livros, principalmente no que se refere a nível educacional, estado civil, profissão. A ausência de detalhes sociológicos caracteriza a despersonalização, presente também na vida real, quando os idosos são designados como "o velho", "o aposentado", "o ancião", sem nome, idade ou profissão.

Assim, 42,8% dos personagens idosos são identificados nos textos pela sua função familiar: são as "vovós" e "vovôs", ou "tios" e "tias", podendo às vezes receber um nome, apelido ou diminutivo. Por exemplo: "Vô Quim" (Joaquim, supõe-se), "tio Barnabé", "tia Nastácia" (porém não se sabe de quem são tios); ainda, nos casos de bisavô, "vô Bisa" apenas.

*"... aquela senhora que tinha voz simpática e logo decorou o nome dela, chamava-se vovô..."* (O cachorrinho Samba, p.14). Neste livro todos têm nomes, incluindo os cachorros que aparecem durante a história, menos a avó.

Vinte e oito e meio por cento dos personagens idosos são identificados apenas pelo primeiro nome. Quando o são pelo no

me completo, de modo geral apresentam nomes incomuns ou ridículos como é o caso de: "Nho Chicuta", "Sempre-viva", "Sr.Mago Emalucado da Silva", "Grande Amigo Harmonia", "Nonô", entre outros, com claro significado depreciativo e agressivo.

Outra maneira de identificação dos personagens, encontrada em 17,5% dos textos, foi pela atividade profissional. Alguns são simplesmente chamados de "bruxa", "mago", "rei", "fantasma", "oráculo" (principalmente os personagens da fantasia).

Alguns, 11,1%) são apresentados apenas como "velho" ou "velha", em geral acompanhados de alguma designação que completa a identificação, como por exemplo: "Preto velho", "velho de barba branca", "velhinha desligada", "velho aposentado", "velho palhaço" ou ainda:

*"... era um velho professor de avental branco e óculos pequenos, que carregava uma pilha de livros..." (O dinossauro que fazia au-au, p.51).*

Uma boa parte de idosos citados nos textos (25,0%), aparecem como coadjuvantes de uma cena qualquer, ou complementando uma situação sem grande importância para o contexto. Porém, pela maneira como são descritos nesses casos, pelo uso de estereótipos relacionados especificamente à velhice, o personagem não poderia ser um não-velho:

*"... uma morcega velhinha, velhinha, cujas antenas não funcionavam muito bem..." (Esta velhinha apenas abriga Dráusio, o vampiro por uma noite, só apare-*

ce neste momento) (Dráusio, o vampiro, p.18).

"... uma velhinha meio desligada... que não escutava muito bem..." (Só passou pelo local onde o menino estava chorando, e por não escutar bem, confundiu as coisas, criando uma situação engraçada). (O dinossauro que fazia au-au, p.58).

#### 4. Velhice e Preconceito

Segundo Staats (1975), o preconceito pode ser definido como um conjunto de respostas emocionais negativas eliciadas por estímulos sociais - pessoas em relações às quais ocorreu aprendizagem de atitudes negativas. Por processo de generalização, qualquer membro real ou presumido do grupo pode eliciar uma atitude negativa.

O preconceito em relação a idosos é tema importante em Gerontologia Social. Vários analistas consideram-no decorrência de fatores econômicos e ideológicos, aos quais não estão imunes os próprios cientistas.

Preconceitos e estereótipos contra idosos são baseados na falsa idéia de que o declínio biológico é causa obrigatória de declínio psicológico. A noção fundamenta comumente providências segregatórias e discriminativas em relação ao idoso. Ele é, por exemplo, afastado do trabalho. Em virtude disto, é socialmente desvalorizado e marginalizado, ao mesmo tempo em que a sociedade justifica o afastamento pelo seu pretense declínio biológico. O preconceito etário contra es-

tes cumpre assim função econômica, eliminando certo grupo de competidores no mercado de trabalho (Kearl, 1982, apud Neri, 1991a).

Os preconceitos contra idosos incluem não somente esses aspectos como também políticas institucionais que, mesmo com a justificativa de protegê-los, reduzem suas oportunidades de inserção social e prejudicam-lhes a dignidade. Simultaneamente ocorrem práticas discriminatórias quanto a papéis ocupacionais e sociais de um modo geral. Por fim, talvez até como forma de adaptação, os idosos tendem a comportar-se de acordo com as expectativas sociais, que aprenderam socialmente ao longo da existência, inclusive por intermédio dos meios simbólicos (Neri, 1991a).

As super-generalizações sobre idosos que caracterizam o preconceito, baseiam-se em atributos físicos, sociais e intelectuais, que são selecionados e realçados em virtude de fatores motivacionais do observador (Bandura, 1976). Acredita-se que isso aconteça em relação à construção dos textos infantis, os quais, por sua vez, contribuiriam para a difusão dos mesmos preconceitos.

Os personagens idosos são mostrados sentados (41,3%) em poltronas confortáveis ou cadeiras de balanço; quando em pé, 38,1% estão arcados para frente. A fisionomia nas ilustrações é sorridente (48,0%), expressando tranquilidade e satisfação; não aparecem rugas (45,9%), nem dentes ou falta deles. A velhice é identificada pela cor dos cabelos e da barba, brancos ou grisalhos; pela calvície masculina; pelas roupas e/ou pelo uso de instrumentos de apoio, como óculos e bengala (25,4%).

O idoso é apresentado como saudável em 81% dos casos. Só há citações sobre problemas físicos em 19%, aparecendo referências tais como: reumatismo, vista fraca, rouquidão, porém são citações dos autores e não reclamações diretas dos idosos. Sobre a saúde mental não há referências. As vezes usam-se termos como: "maluca", "desligada", "biruta", que servem mais como uma ridicularização ou agressão do que como referência à uma problemática real.

A morte de idosos é apresentada em apenas 11,5% dos textos, associada à transmissão de um legado material ou espiritual às gerações mais novas. Em geral é escamoteada como marco de passagem para uma vida melhor ou como decorrência da passagem do tempo e da senilidade:

*"... esse rei morreu porque era muito velhinho" (O reizinho mandão, p.7).*

Em geral se morre com calma, sem dor e sem sofrimento. É comum o uso do termo "velho" tanto para designar pessoas como objetos e elementos naturais:

*"... o pomar de D. Benta está tão velho que qualquer dia se põe a caducar" (O saci, p.201), ou,*

*"... passava os dias na cadeira de balanço que rangia, como é dever de toda cadeira velha" (Pluft, o fantasmilha).*

Ou seja, a velhice é fenômeno biológico e como tal inevitável, incontrollável e universal.

Conforme Staats (1973), se a conotação negativa associada a objetos velhos, inúteis, desgastados e feios for generalizada para pessoas, pode-se prever que estas tendam a ser tratadas como aquelas. Paralelamente, semelhantes significados podem gerar predisposições emocionais de afastamento e rejeição a idosos enquanto categoria etária.

Em Com a ponta dos dedos e os olhos do coração, a bisavó não tem nome. É chamada por "vó Bisa" ou "velhinha" e em todo o decorrer da história participa das dificuldades de relacionamento do neto, escutando-o, dando conselhos, falando do seu passado e ajudando-o a superar suas dificuldades. Os problemas da bisavó vão se agravando com o passar do tempo: no início enxerga pouco e depois não consegue mais enxergar; aos poucos passa a comer menos e a mão treme.

Apresenta enfim um desgaste biológico acentuado e progressivo, decorrente da idade. Suas perdas biológicas são atribuídas apenas ao envelhecimento. Não há menção a uma doença específica, ou a eventuais dificuldades financeiras que não lhe permitem usar óculos ou ir ao médico, nem mesmo ao seu passado de trabalho. As dificuldades físicas da personagem são vistas como inerentes à sua idade.

Ao mesmo tempo, como uma forma de compensação, são ressaltados os ganhos intelectuais. A bisavó mostra ao neto que ela, no decorrer da vida, acumulou mais informações e por isso pode ter mais idéias do que ele e entender melhor as coisas.

No entanto, os ganhos intelectuais apresentados como compensação para as perdas biológicas não convencem como vantagem da velhice, já que a personagem disserta com saudosis-



mo sobre seu tempo de criança, comparando-se com a época em que era jovem, ativa, enérgica e com a vida pela frente. Essa falta de perspectiva, abre espaço para sentimentos de piedade e tristeza com relação ao idoso. Mesmo apresentando os ganhos intelectuais da velhice, a mensagem que fica é que o melhor ainda é ser jovem.

O modelo passado pelo personagem é de satisfação conformista diante da falta de perspectivas para uma vida que se encaminha para o desfecho. Confirma os dados de várias pesquisas estrangeiras e nacionais sobre a associação entre velhice e sentimentos negativos, em virtude dos significados associados à morte, doença, dependência e solidão (Neri, 1991).

A condição negativa da velhice também aparece nas comparações feitas entre o jovem, sempre dinâmico e o velho, sempre cansado. Com a velhice, as pessoas não são mais as mesmas. As causas principais dessas mudanças são o tempo e as perdas biológicas que a velhice traz, sem se levar em conta as diferenças individuais e culturais, as condições sócioeconômicas e educacionais e a história de vida das pessoas.

Às vezes com a intenção de valorizar o personagem idoso, menciona-se sua juventude, apesar da idade:

*"... Velhota. Por fora. Por dentro Dona Domingas era muito nova" (A curiosidade premiada).*

Nesta valorização reversa nega-se a velhice. Manter a juventude de espírito, ademais é atribuição e virtude da pessoa, única responsável por envelhecer ou não envelhecer, ou por envelhecer bem ou mal.

Ainda denotando tratamento pejorativo, nos livros analisados o termo "velho" aparece no diminutivo: "velhinho", principalmente para personagens de baixo status, comunicando certa compaixão pela sua condição:

"... Sua avô também está velhinha, é preciso ter pena dela, né?" (Tonico, p.65).

"... Uma velhinha meio desligada que não escutava muito bem...". "Minha bisavô é velhinha, tem cabeça branca, óculos, vestido de velha, não dá para sair por aí brincando comigo" (Bisa Bia Bisa Bel, p.13).

Os termos usados no diminutivo portanto descrevem uma pessoa em situação inferior, em relação ao padrão de conduta adulta valorizado pela sociedade. Além disso, passam uma imagem de idoso apático, passivo, dependente e marginalizado.

Os personagens fictícios, por exemplo os magos, mais parecem estereótipos do "cientista louco" – a maioria usa túnica e tem cabelos espetados. Por outro lado, por serem velhos, permitem associar velhice, sabedoria e magia, como é usual nas concepções tradicionais sobre velhice.

Os personagens que representam homens do cotidiano usam calça e camisa, às vezes calça de pijama, demonstrando atributos da roupa, inatividade.

No caso das mulheres, predomina a aparência tradicional, ou seja, os cabelos são brancos penteados em coque, usam meias, aventais, vestidos, blusas e saias. Quando são de melhor situação social usam igualmente "roupas de velha", mas

com babadinhos nos punhos e nas golas.

Ainda compondo o tipo feminino, aparecem agulhas de tricô no colo, chinelos felpudos e xale.

*"... Seu corpo magro e fininho quase desaparece no meio do xale preto. Faça sol ou chuva, sempre de xale preto..."*

(Com a ponta dos dedos e olhos do coração, p.10).

O uso de roupas e acessórios considerados típicos de velhos, refletem pessoas presas ao passado, antiquadas, desatualizadas, portanto não integradas.

"Roupa de velha" é expressão interessante, na medida em que é segregadora e também por ser relativamente irreal. Na verdade, nos dias atuais, assistimos à uma intensa padronização no modo de vestir de pessoas de quaisquer idades, por intermédio dos meios de comunicação de massa. Crianças, jovens e velhos são estimulados a consumir roupas jovens e casuais, apontadas como bonitas e atuais (como os jovens). Isto de certa forma leva a um mascaramento dos antigos padrões que impunham diferentes trajes para diferentes idades (Neri, 1992b).

É interessante que os textos infantis insistam nessas imagens antigas. Talvez o façam como forma de transmissão de valores arraigados e tradicionais.

Por outro lado, é importante lembrar que, em pesquisa publicada em 1985, Neri e Wagner verificaram que pessoas de escolaridade primária tendiam mais a preconizar padrões de comportamento (como o trajar) específicos para velhos, do que sujeitos de escolaridade secundária e superior.

Estaria tal opinião refletindo um certo conservadoris-

mo desses grupos?

De todo modo, é forçoso admitir a existência de expectativas sociais conflitantes quanto ao comportamento dos idosos.

Ao personagem idoso são atribuídos outros atributos estereotipados através de xingamentos:

"... não a conheço mas mora em companhia de duas velhas corocas" (no caso, D. Benta e Tia Nastácia),

"... as idéias de vovô e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a boca..." (comentário de Narizinho) (Reinações de Narizinho, p.7).

Ou seja, o idoso acaba sendo associado a maluquices, senilidade:

"... velha cada vez mais caduca" ... vovô caduca...  
(sobre a avô de Chapeuzinho Vermelho) (O fantástico mistério de Feiurinha, p.12 e 16).

Usando os preconceitos já aprendidos sobre a velhice, os xingamentos muitas vezes são com a palavra "avô". Por exemplo:

"... Bruxa é a sua avô..."; "... macaquento!" "peludento descendente de dinossauro é a vovozinha!"... "louro é a vovozinha..." (O dinossauro que fazia au-au, p. 4 e 43), e assim por diante.

Ou seja, os xingamentos reforçam a idéia que ser velho é uma condição negativa na vida das pessoas, tão negativa que "velho" e suas variantes podem ser usados como ofensas verbais. O fato dessas ofensas aparecerem disfarçadas por um tipo de humor que ressalta a incongruência (daí a graça), não descaracteriza, antes fortalece seu caráter agressivo.

Neste sentido, Palmore (in Nahemov e col., 1986) admite que o humor revela atitudes que as pessoas não querem admitir, na medida que é uma forma de expressão de impulsos reprimidos. Achar graça pode significar descarga ou deslocamento da agressão, segundo a teoria de aprendizagem social (Dollard, Miller e Sears, apud Baldwin, 1973).

Ora, apresentar tal tipo de modelo para crianças, quer em textos, quer em situações de interação face a face pode significar uma poderosa oportunidade para ensino tanto de preconceitos quanto de agressividade verbal (Bandura, 1973).

A noção da velhice como punição pode ser verificada mais claramente através dos contos de fadas, em que bruxas (geralmente velhas) transformam jovens bonitas em velhas feias e belos príncipes em bodes velhos com pêlos sujos, cheios de pulgas e piolhos. A mensagem implícita é, portanto, que velhice é algo a ser evitado.

Em suma, estereótipos ligados aos personagens idosos, contribuem em sua maioria para uma imagem negativa da condição de velho. Às vezes os estereótipos vêm em forma da roupa usada pelos personagens:

"... velho aposentado de chinelos, suspensório e paleto de pijama..." (O dinossauro que fazia au-au, p.56),

que contribui para uma imagem de inatividade. Ou roupas inadequadas, atemporais, antigas:

"... Faça chuva ou sol, sempre de xale preto..." (Com a ponta dos dedos e os olhos do coração, p.10).

"(D.Benta) ... de cestinha de costura ao colo e óculos na ponta do nariz..." (Viagem ao céu, p.3).

Em alguns casos o estereótipo da idade se junta aos de raça e posição social:

"... tia Nastácia é a rainha das bobas..."

"... sou uma pobre negra que nunca fez outra coisa na vida senão trabalhar na cozinha..." (Viagem ao céu, p. 644).

Ou com preconceito com base no gênero:

"... remexeu tudo que nem mulher velha..." (O Saci, p.206).

O mais comum no entanto é ligar a imagem do velho com demência e senilidade:

"... apareceu por lá uma velha coroca..."

"... velha cada vez mais caduca..."

"... vovô caduca..."

"... velhinha, cujas antenas não funcionava muito bem..."

"... uma velhinha meio desligada... que não escutava muito bem..." (O fantástico mistério de Feiurinha).

Tentando desmitificar a imagem tradicional do idoso, os textos A fada sempre-viva e A galinha-fada, apresentam fadas idosas com roupas e comportamentos fora-do-comum. Porém o abuso do estereótipo reverso parece cumprir o papel de agredir, depreciar e ridicularizar o idoso, ao mesmo tempo em que satiriza a função dos contos tradicionais.

Os estereótipos negativos, em geral referem-se a perdas em atributos físicos e intelectuais, bem como à capacidade de raciocínio rápido e precisão, uma visão que contribui desfavoravelmente para a construção da noção social e individual de velhice.

A análise de conteúdo permite concluir que não é possível abstrair um único perfil ou mesmo vários perfis do idoso brasileiro a partir dos textos considerados.

As imagens apresentadas são numerosas, muitas vezes conflitantes e confusas, possivelmente refletindo a realidade do fenômeno velhice no Brasil.

Por serem um reflexo do contexto em que foram produzidos e, no caso da literatura infantil, por refletirem os valores da sociedade a respeito do que deve ser transmitido às crianças, os textos podem ser vistos como uma fonte de influ

ência sobre atitudes em relação à velhice.

Considere-se ainda que, embora adotados por professores vivendo na década de 90 e eventualmente lidos e cognitivamente processados por crianças que serão idosas daqui a 50 anos, esses livros refletem valores e realidades que podem remontar até a 100 anos atrás.

Há um século a realidade social brasileira era muito diferente da de hoje e contextualizava uma velhice também muito diferente. Para a geração de Monteiro Lobato, que possivelmente plasmou os valores dos escritores dos anos 70 e 80 a velhice era uma realidade individual, e não social como hoje.

Os velhos escravos, detentores de uma sabedoria muito antiga já não existem. Os rurais, ligados à terra e às suas tradições, também são cada vez menos numerosos.

Os pobres, isolados e marginalizados existiam e continuam existindo, mas agora em maior número, vivendo sós e predominantemente nas cidades (Fundação Seade, 1990).

Antigamente o velho era uma minoria silenciosa, que não exigia direitos, não aparecia em jornais. Hoje uma parcela desse grupo etário aparece reivindicando melhores aposentadorias e condições de vida mais adequadas.

Numa sociedade em que a velhice é experiência heterogênea, como ocorre hoje no Brasil (Debert, 1992), não deve ser portanto motivo para espanto, que textos infantis apresentem várias e diferentes imagens sobre velho e velhice. O que chama a atenção é o fato dessas imagens muitas vezes remeterem a criança à uma realidade com a qual ela não convive.

Neste caso é importante lembrar o papel pedagógico de-



sempenhado pela literatura infantil e, dentro desse papel, a função homogeneizadora e mantenedora dos valores e costumes do grupo desempenhada pelos textos. Por intermédio da fantasia, do humor, do maravilhoso, velhos pacientes e sábios são tradicionalmente colocados em contato com crianças irriquieta e ativas. Contam-lhes histórias em que crianças e jovens são protagonistas, enquanto eles próprios idosos, aparecem em papéis secundários ou caricatos. Enquanto as crianças desfrutam de suas histórias, aprendem sobre si próprias, sobre o ser humano e sobre o que é certo e errado (Chinen, 1987).

Ao apresentarem o velho-fonte de informação como uma figura não ameaçadora, paciente e, ao mesmo tempo fonte de autoridade, os textos infantis parecem criar condições para que as crianças prestem atenção a aspectos relevantes do modelo. Ao apresentá-lo como próximo à criança, identificado com seus problemas e curiosidades, estariam favorecendo ainda mais a observação. Representá-lo de forma ridícula, humorística ou incongruente teria a função de realçar globalmente a sua presença e chamar a atenção dos observadores. Com isto, segundo uma interpretação que se apóia no modelo de aprendizagem social de Bandura, estariam ampliando as possibilidades informativas e reforçadoras do modelo apresentado simbolicamente.

Entretanto, o modelo apresentado é inativo, dependente, solitário e não integrado socialmente. Que tipo de função social cumpririam essas imagens?

Adotando-se os pontos de vista de teorias sociológicas sobre velhice, poder-se-ia argumentar que a veiculação dessas imagens prepararia os futuros idosos para o desengajamen

to inevitável na velhice, em virtude da quebra de sua competência social.

Com efeito, a teoria do desengajamento estipula que a velhice implica num afastamento recíproco e inevitável dos idosos quanto à configuração de papéis sociais característica da vida adulta. Segundo tal concepção, os velhos são agentes passivos do sistema social e, na qualidade de membros maduros do grupo, são capazes de reconhecer a necessidade de se afastarem, em benefício da sociedade (Cumming e Henry, 1961, apud Neri, 1992b).

Simultaneamente esses idosos incorporando ao auto-conceito as mensagens negativas que recebem do ambiente social, processo esse que gera um círculo vicioso de feedbacks negativos (Zulman, 1966, apud Neri, 1992b).

O reverso da teoria do desengajamento é a teoria da atividade. Conforme Havighurst e Albrecht (1953) e Cavan (1962), quanto mais ativa a pessoa, maior sua satisfação na vida e melhor seu auto-conceito. A questão é que, a satisfação e o bem estar dos idosos, segundo essa ótica, dependeria deles próprios, na medida em que eles próprios teriam que procurar manter-se ativos, desenvolver novos papéis e novas formas de adaptação.

Essas três teorias são muito influentes na Gerontologia e, sem dúvida, refletem os valores da época e da sociedade em que foram gerados. Parece plausível também supor que elas influenciam as mensagens sobre velhice veiculadas pelos textos infantis.

Os textos veiculam também imagens construídas e difundidas pela Biologia, pela Psicologia e pela Medicina: velhi-

ce como doença e problema a ser resolvido; a velhice como fenômeno homogêneo e universal; velhice como fenômeno biológico causador de incompetência comportamental; velhice como período marcado só por perdas. Muito embora estas idéias estejam hoje sofrendo severas críticas e revisões, leigos e profissionais com muita freqüência atuam e pensam conforme esses princípios, contribuindo para a segregação dos idosos.

A partir da amostra analisada pode-se afirmar que o idoso é apresentado positivamente como: saudável, feliz, generoso e sábio. Negativamente como: passivo, desempenhando papéis insignificantes e atividades que exigem pouca inteligência, infantilizado, despersonalizado, pouco integrado socialmente e retratado como figuras do passado. No curso "natural" do desenvolvimento humano o tempo é o agente causador das perdas e da decadência biológica. A sabedoria atribuída ao idoso, reconhecida como um valor positivo, é restrita à memorização e à reprodução de informações, não permitindo atuação criativa ou utilização produtiva de sua capacidade intelectual. O afastamento, ou isolamento do idoso no ambiente social, são algo natural, inerente à idade avançada, pois ele não sente falta de atividades de lazer, de convivência com pessoas e de interagir socialmente.

Os dados obtidos de modo geral confirmam tendências registradas em pesquisas estrangeiras, como a de Blue(1978), com literatura de ficção realística para criança; e de Barnum (1977) com literatura infantil; de Almerico (1988) pesquisando revistas para crianças, e de Peterson (1977), literatura para adolescentes. Estes autores verificaram que o idoso é sub-representador (com relação à sua proporção na população),

recebe papéis inferiores, é mostrado como mais passivo que ativo e com pouca interação social. Nos poemas, conforme Sohngen, 1978, os estereótipos negativos são mais acentuados, pelo uso de metáforas que enfatizam a decadência física e mental.

Quanto à influência dos textos sobre as crianças, mesmo assumindo-se teoricamente seu papel relevante na instalação e manutenção de atitudes, é difícil estabelecer a direção exata em que as influências acontecem.

Junto com Bandura é necessário lembrar que o leitor interpreta ativamente os modelos que lhe são apresentados, à luz de sua experiência atual e passada. Na verdade, também, diferentes leitores estão expostos a diferentes possibilidades de interação social com idosos, a diferentes influências familiares e até aos diversos encaminhamentos dos sentidos dos textos feitos pelos professores. Esses e muitos outros fatores, entre os quais a televisão, o cinema, os jornais, as artes e o Estado medeiam a influência dos textos infantis sobre as aprendizagens de atitudes das crianças.

Para a Escola fica a recomendação de se tentar fazer um uso mais crítico dos textos, permitindo que o professor e a criança, a longo prazo, descubram os complexos mecanismos educacionais subjacentes aos textos literários infantis.

Para a pesquisa sobre o papel dos textos infantis nos determinantes de atitudes em relação à velhice no Brasil, este estudo significa uma primeira e preliminar análise e sugere mais perguntas do que propriamente conclusões. Por exemplo: como crianças de diferentes idades, níveis de escolaridade, origem social, tipo de contato com idosos e formas de

contato com outros meios educacionais, processam informações referentes a idosos? Qual o impacto dessas informações sobre o seu comportamento? Como a escola pode atuar com e a partir desse material? Que fatores do contexto sócio-cultural determinam a veiculação de certas imagens de velhice por escritores de diferentes gerações e tradições culturais? Existe alguma similaridade entre os conteúdos de literatura brasileira atual, da tradicional, e de contos, mitos, lendas e fábulas nacionais e internacionais?

Responder perguntas como essas e realizar intervenções junto aos consumidores e produtores dos textos infantis provavelmente contribui para esclarecer a realidade da velhice e das atitudes sociais frente a ela em nossa realidade.

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -

- ABRAMOVICH, F. (1983). O estranho mundo que se mostra às crianças. São Paulo: Summus.
- ALMÉRICO, G.M. & FILLMER, T. (1988). Portrayal of older characters in children's magazines. Educational Gerontology, 14, 1:15-31.
- BALDWIN, A.L. (1973). Teorias de Desenvolvimento da Criança. São Paulo: Pioneira. (Tradução do original em inglês de 1967 para a Ed. Pioneira, São Paulo, por Dante Moreira Leite).
- BAMBERGER, R. (1988). Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática/Unesco. (Tradução do original em inglês de 1975 por Otávio Mendes Cajado).
- BANDURA, A. (1969). Principles of behavior modification. N.Y.: Holt, Rinehart and Winston, 1969. (Trad. para o português para a Interamericana, Rio de Janeiro, por Eva Nick e Luciana Peotta, 1979).
- BANDURA, A. (1973). Agression. A social learning analysis. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- BANDURA, A. (1977). Social learning theory. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- BANDURA, A. (1979). Modificação do comportamento. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana. (Tradução do original em inglês de 1969 por Eva Nick e Luciana Peotta).
- BARDIN, L. (1979). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. (Tradução do original em francês de 1977 por Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro).
- BARNUM, P.W. (1977). Discrimination against the aged in young children's literature. The Elementary School Journal, 77, 4, mar.
- BETTELHEIM, B. (1980). A Psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Tradução do original em inglês s/data por Arlene Caetano).
- BLUE, G.F. (1978). The aging as portrayed in realistic fiction for children 1945-1975. The Gerontologist, 18 (2): 187-192.
- BONAZZI, M. e ECO, H. (1980). Mentiras que parecem verdades. São Paulo: Summus. (Tradução do original em italiano de 1972 por Giacomina Faldini).

- CADERMATORI, J. (1987). O que é literatura. São Paulo: Brasiliense.
- CHINEN, A.B. (1987). Fairy tales and psychological development in late life: A cross-cultural hermeneutic study. The Gerontologist, 27, 3, jun.
- DEBERT, G.G. (1992). Desbravando fronteiras e redefinindo padrões. Tempo e Presença, 14(264): 13-17.
- DOBROSKY, B.J. & BISHOP, J.M. (1986). Children's perception of old people. Educational Gerontology, 12(5):429-439.
- GARCIA, E.G. (1980) A leitura na escola de 1º grau por uma outra leitura da leitura. São Paulo: Edições Loyola.
- HOLTZMAN, J.M. & AKIYAMA, H. (1985). What children see: the aged on television in Japan and the United States. The Gerontologist, 25(1): Feb.62-68.
- JAHODA, M. & WARREN, N. (1966). Attitudes. Middlesex, Engl.: Penguin Books.
- KHEDE, S.S. (1986). Personagens da literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática.
- KREMER, J.F. (1988). Effects of negative information about aging on attitudes. Gerontology, 4(1): 69-81.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. (1985). Literatura infantil brasileira: História e histórias. São Paulo: Ática.
- McTAVISH, D.G. (1971). Perceptions of old people: a review of research methodologies and findings. The Gerontologist, 11: 90-101.
- MICELI, P. (1985). O mito do herói nacional. São Paulo : Contexto.
- NERI, A.L. e WAGNER, E.C.de A.e M. (1985). Opiniões de pessoas de diferentes faixas etárias sobre velhice: um estudo exploratório. Estudos de Psicologia, 2(2-3): 81-104.
- NERI, A.L. (1991a). Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas: Editora da Unicamp.
- NERI, A.L. (1991b). Aprendizagem e desenvolvimento no adulto: teoria e pesquisa. Texto não publicado, Unicamp, Campinas (circulação interna/texto para curso de pós-graduação sobre o mesmo tema).
- NERI, A.L. (1992a). Chinelo velho para pé cansado. Tempo e Presença, 14(264): 8-9.

- NERI, A.L. (1992b). Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. Texto apresentado no IV Simpósio da ANPEPP, no grupo de "Pesquisa em Psicologia: áreas a descobrir".
- NOSELLA, M.de L.C.D. (1981). As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Moraes.
- PALMORE, E.B. (1986). Attitudes toward aging shown by humor: A review. In: L. Namelow, K.A. McCluskey-Fawcett & P.E. McGhee, Humor and Aging. San Diego, Academic Press.
- PALO, M.J. e OLIVEIRA, M.R.D. (1986). Literatura Infantil: voz de criança. São Paulo: Ática.
- PETERSON, D.A. & EDEN, D.Z. (1977). Teenagers and aging: Adolescent literature as an attitude source. Educational Gerontology: An International Quarterly, 2: 311-325.
- PONDE, G.M.F. (org.) (1980). Literatura infanto-juvenil. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro 63.
- RICH, P.E.; MYRICH, R.D. & CAMPPELL, C. (1983). Changing children's perception of the elderly. Educational Gerontology, 9(sep-dec.), 5-6.
- ROSEMBERG, F. (1984). Literatura infantil e ideologia. São Paulo: Global.
- ROSENBERG, M. (1976). A lógica da análise do levantamento de dados. (Tradução do original em inglês s/d, por Leôni das Hegenberg e Octanny Silveira da Mota). São Paulo: Cultrix-EDUSP.
- SCHAIK, K.W. (1988). Ageism in psychological research. American Psychologist, 43(3): 179-183.
- SKINNER, B.F. (1953). Science and human behavior. N.Y.: Appleton. (Traduzido para o português para a Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 1970, por João Cláudio Todorov e Rodolpho Azzi).
- SKINNER, B.F. (1974). About behaviorism. N.Y.: Knopf. (Traduzido para o português para a Editora Cultrix - Ed. USP, São Paulo, 1978, por Maria da Penha Villalobos).
- SOHNGEN, M. & SMITH, R.J. (1978). Images of old age in poetry. The Gerontologist, 18(a): 181-186.
- STAATS, A.W. & STAATS, C. (1973). Comportamento humano complexo: uma extensão sistemática dos princípios da aprendizagem. São Paulo: EPU-EDUSP. (Tradução do original em inglês de 1963 por Carolina Martuscelli Bori).
- STAATS, A.W. (1975). Social behaviorism. London: The Dorsey Press.
- STOKES, L.C. & PANKOWSKI, M.L. (1988). Incidental learning



- of aging adults via television. Adult Education Quarterly, 38(2): 88-99.
- WITTER, G.P. (1987). Aprendizagem acidental na escola. In: WITTER, G.P. e LOMÔNACO, J.F.B. Psicologia da aprendizagem: aplicações na escola. São Paulo: EPU.
- WOBER, M. & GUNTER, B. (1982). Impressions of old people on T.V. and in real life. British Journal of Social Psychology, 21: 335-336.
- ZILBERMAN, R. e MAGALHÃES, L.C. (1982). Literatura infantil: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática.
- ZILBERMAN, R. (1985). A literatura infantil na escola. São Paulo: global.
- ZILBERMAN, R. e BORDINI, M.do G. (1989). Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez.

- A N E X O S -

- A N E X O 1 -

RELAÇÃO DAS ESCOLAS DA PRIMEIRA DELEGACIA DE ENSINO  
DE SOROCABA, ABRANGIDAS PELA PESQUISA

- ESTADUAIS -

1. EEPSG Prof. Aggeo Pereira do Amaral
2. EEPSG Prof. Arquimínio Marques da Silva
3. EEPSG Profª Josefa Rodrigues Fernandes
4. EEPSG Prof. José Odin de Arruda
5. EEPSG Dr. Júlio Prestes de Albuquerque
6. EEPSG Prof. Octávio Novaes de Carvalho
7. EEPSG Senador Vergueiro
8. EEPSG Brigadeiro Tobias
9. EEPSG Prof. Accácio de V. Camargo
10. EEPSG Prof. Altamir Gonçalves
11. EEPSG Profª Amélia C.M.de Araújo
12. EEPSG Antonio Miguel Pereira Júnior
13. EEPSG Dr. Arthur Cyrilo Freire
14. EEPSG Prof. Diógenes de Almeida Marins
15. EEPSG Profª Elza Salvestro Bonilha
16. EEPSG Profª Escolástica Rosa de Almeida
17. EEPSG Prof. Flávio Gagliardi
18. EEPSG Francisco Eufrásio Monteiro
19. EEPSG Gumercindo Gonçalves
20. EEPSG Profª Ida Yolanda L. de Barros
21. EEPSG Profª Izabel Rodrigues Galvão
22. EEPSG Dr. João Machado de Araújo

23. EEPG Monsenhor João Soares
24. EEPG Prof. José Osório C.M.de Almeida
25. EEPG Prof. José Reginato
26. EEPG Profª Júlia Rios Athayde
27. EEPG Profª Laila Galep Sacker
28. EEPG Prof. Luiz Gonzaga de C. Fleury
29. EEPG Monteiro Lobato
30. EEPG Profª Nazira Nagib J.M.Rodrigues
31. EEPG Quinzinho de Barros
32. EEPG Prof. Renato Seneca de Sa´Fleury
33. EEPG Prof. Roberto Paschoalick

- PARTICULARES -

34. Centro Educacional SESI - 023
35. Centro Educacional SESI - 123
36. Centro Educacional SESI - 331
37. Colégio Padre Anchieta
38. Colégio Salesiano São José
39. Escola de 1º Grau Adventista de Sorocaba
40. Instituto de Educação da Organização Sorocabana de Ensino
41. Escola de Educação Infantil e de 1º Grau Mundo Novo

- MUNICIPAIS -

42. EMPSG Dr. Achilles de Almeida
43. EMPSG Dr. Getúlio Vargas

- A N E X O 2 -

LISTA DOS TÍTULOS INDICADOS PELOS PROFESSORES

(da maneira como foram por eles citados)

1. AIALA, W. A fonte luminosa.
2. ALMEIDA, F.L.de. A curiosidade premiada.
3. ALMEIDA, I.E.de. O peixinho sonhador.
4. ANDERSEN, H.C. Contos escolhidos.
5. —————. Mamãe sabugueiro.
6. ARAUJO, C.A.de. O jacarezinho egoísta.
7. BANDEIRA, P. O fantástico mistério de FEIURINHA:
8. —————. O dinossauro que fazia au-au.
9. BARRETO, A.de O. A Borboleta Amarela.
10. BASSI, N. As brincotecas.
11. BELMONTE, D. O pássaro de ouro.
12. BLOCH, P. Pai, me compra um amigo?
13. BRANDÃO, L.M. O grilinho brincalhão.
14. CACCESE, N.P. Um tigre, dois tigres, três tigres.
15. CAMARGO, L. Maneco caneco chapéu de funil.
16. CAMARGO, M. As centopéias e seus sapatinhos.
17. CARRASCO, W. Quando meu irmãozinho nasceu.
18. CEDAR, S. Um gigante na floresta.
19. CÉSAR, J.C.C. Algodão doce.
20. DUPRÉ, M.J. A ilha perdida.
21. —————. A montanha encantada.
22. —————. O cachorrinho samba.
23. FERREIRA, M.R.C. As três caixinhas.
24. FILHO, J.R. tonico.

25. FILHO, J.R. e BRASIL, A. Tônico e Carniça.
26. FORJAS, S. Barulhinhos do silêncio.
27. FROTA, M.O. Fazendas e Fazendeiros.
28. ————. Insetos que vivem juntos.
29. FURTADO, M.C. A flor de maio.
30. GALDINO, L. O sapo encantado.
31. ————. Sacici siriri sici.
32. GARCIA, E.G. No país dos avessos.
33. GOES, L.P. A maior boca do mundo.
34. ————. Dráusio o vampiro.
35. GRIMM, J. A casinha na floresta.
36. ————. O pequeno polegar.
37. ————. Chapeuzinho vermelho.
38. ————. Outros contos de Grimm.
39. GUIMARÃES, V. O mundo mágico de vovô Feliciano.
40. HANGNEAVES, R. Tromboio.
41. HOFFMANN, R.L. O hotel dos bichos desamparados.
42. IANNONE, L.R. Com as pontas dos dedos e os olhos no  
coração.
43. JOSÉ, E. O fantasma do porão.
44. ————. Vaidade no terreiro.
45. JOSÉ, G. Guerra no rio.
46. ————. No dia em que os peixes pescaram os homens.
47. KALIL, V. O sapo Batista.
48. LANDAU, A. A aventura de uma andorinha.
49. LESSA, O. Memórias de um fusca.
50. LOBATO, M. As caçadas de Pedrinho.
51. ————. A chave do tamanho.
52. ————. O casamento da Emília.

53. LOBATO, M. O nascimento do Visconde.
54. ————. O saci.
55. ————. Reinações de Narizinho.
56. ————. Sítio do pica-pau amarelo.
57. ————. Viagem ao céu.
58. MACHADO, A.M. Bisa,bia,Bisa bel.
59. ————. Raul da ferrugem azul.
60. MACHADO, M.C. Pluft, o fantasminha.
61. MAGALHÃES, R. Orelhinha, orelhudo, sabe nada sabe tudo.
62. MANSUR, J. O frio pode ser quente.
63. MEIRELES, C. Ou isto ou aquilo.
64. MELO, M. As invenções da bruxinha Tatá.
65. MENEZES, A.O. A história de um sorriso.
66. MONTEIRO, J.M. Os barcos de papel.
67. MOTT, O.de B. Férias no orfanato.
68. MUNIZ, F. Mais prá lá do quipracá.
69. MURRAY, R.K. O buraco no céu.
70. NICOLELIS, G.L. Um dono para buscapé.
71. OLIVEIRA, A. O príncipe encantado.
72. OLIVEIRA, T.C. Férias no pantanal.
73. ————. Fuga do pantanal.
74. ORTHOF, S. A fada sempre viva e a galinha fada.
75. ————. Duas histórias de perna fina.
76. ————. O cavalo transparente.
77. ————. Os bichos que tive.
78. PENTEADO, M.H. No reino perdido do bebeléu.
79. PERLMAN, A. Invasão de pensamento.
80. ————. O mistério das figurinhas.
81. PILLICARNO, C. Era uma vez.

82. PINTO, L.C. Os ovonautas.
83. PINTO, Z.A. A fábula das três cores.
84. ————. O menino maluquinho.
85. PORTER, E.H. Pollyana Menina.
86. PORTO, C. Chico palito.
87. ————. Se será Serafina.
88. PRADO, L.J.de A. As vezes dá certo.
89. ————. Era uma vez uma bicicleta.
90. QUEIRÓS, B.C. Onde tem bruxa tem fada.
91. QUINTANA, M. Lili invente o mundo.
92. RINALDI, S. As trapalhadas do ganso Ermínio.
93. ROCHA, R. Dois idiotas sentados cada qual no seu barril.
94. ————. Faca sem ponta galinha sem pé.
95. ————. Marcelo, marmelo, martelo.
96. ————. O que os olhos não vêem.
97. ————. O reizinho mandão.
98. ————. O sapo vira rei vira sapo.
99. ————. Quando eu comecei a crescer.
100. ————. Quem tem medo de dizer não.
101. SALES, H. O burrinho que queria ser gente.
102. SALLUT, E.C. Vassoura de bruxa vira avião na floresta.
103. SANTOS, J.R.dos. A pirilampêia e os dois meninos de iatipurum.
104. ————. O curumim que virou gigante.
105. ————. O soldado que não era.
106. SARDEMBERG, M.P.E. O segredo da ilha.
107. SOUZA, I.R.de A. A sementinha bailarina.
108. TRIGO, E.C. Vupt o vento sapeca.



109. VASCONCELOS, J.M.de. Meu pé de laranja lima.
  110. VERÍSSIMO, E. As aventuras do avião vermelho.
  111. ————. Os três porquinhos.
  112. VIEIRA, M.do C. No país dos anões.
  113. VIEIRA, R. A mochila que pesava demais.
  114. ————. O mistério do rabanete vermelho.
-

- A N E X O 3 -

LISTA DE TÍTULOS QUE VEICULAM IMAGENS DE IDOSOS E  
DE VELHICE

1. AIALA, W. A fonte luminosa. (Ilustrações de Semiramis N. Paterno), São Paulo: FTD, 1990, 8ª edição.
2. ALMEIDA, F.L.de. A curiosidade premiada. (Ilustrações de Alcy Linares), São Paulo: Ática, 1990, 17ª edição.
3. BANDEIRA, P. O fantástico mistério de Feiurinha. (Ilustrações de Denise e Fernando), São Paulo: FTD, 1989, 5ª edição.
4. ————. O dinossauro que fazia au-au. (Ilustrações de Paulo Tenente), São Paulo: Ed. Moderna, 1990, 13ª edição.
5. BLOCH, P. Pai me compra um amigo? (Ilustrações de Teixeira Mendes), Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1977.
6. BRANDÃO, L.M. O grilinho brincalhão. (Ilustrações de Mirtes Cristina Sada), São Paulo: Ed. do Brasil, 1985, 17ª edição.
7. DUPRÉ, M.J. A montanha encantada. (Ilustrações de Adelfo M. Suzuki), São Paulo: Ática, 1990, 18ª edição.

8. DUPRÉ, M.J. O cachorrinho samba. (Ilustrações de Adelfo M. Suzuki), São Paulo: Ática, 1983.
9. FERREIRA, M.R.C. As três caixinhas. (Ilustrações de Edu Andrade), São Paulo: Ed.do Brasil, 1988, 1ª edição.
10. FILHO, J.R. Tonico. (Ilustrações de Iranildo Alves), São Paulo: Ática, 1984, 9ª edição.
11. FILHO, J.R. e BRASIL, A. Tonico e Carniça. (Ilustrações de Iranildo Alves), São Paulo: Ática, 1983, 2ª edição.
12. GALDINO, L. O sapo encantado. (Ilustrações de Walter Ono), São Paulo: FTD, 1990, 3ª edição.
13. GOES, L.P. A maior boca do mundo. (Ilustrações de Cláudia Scatamacchia), São Paulo: Ática, 1989, 2ª edição.
14. ————. Dráusio, o vampiro. (Ilustrações de Walter Ono), São Paulo: Paulinas, 1991, 7ª edição.
15. IANNONE, L.R. Com a ponta dos dedos e os olhos no coração. (Ilustrações de Tere), São Paulo: Ed.do Brasil, 1986, 10ª edição.
16. LOBATO, M. As caçadas de Pedrinho. (Ilustrações de Ma noel Victor Filho), São Paulo: Brasiliense, 1991.

17. LOBATO, M. O Saci. (Ilustrações de Manoel Victor Filho), São Paulo: Brasiliense.
18. ————. Reinações de Narizinho. (Ilustrações de Manoel Victor Filho), São Paulo: Brasiliense.
19. ————. Viagem ao céu. (Ilustrações de Manoel Victor Filho), São Paulo: Brasiliense.
20. MACHADO, A.M. Bisa Bia, Bisa Bel. (Ilustrações de Regina Yolanda), Rio de Janeiro: Salamandra, 1985, 6ª edição.
21. ————. Raul da ferrugem azul. (Ilustrações de Patrícia Gwinner), Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.
22. MACHADO, M.C. Pluft, o fantasminha. (Ilustrações de Anna Letycia), Rio de Janeiro: Cedibra, s/d.
23. MEDAUAR, J. No dia em que os peixes pescaram os homens. (Ilustrações de Carlos da Cunha), São Paulo: Pioneira, 1983, 3ª edição.
24. MOTT, O.B. Férias no orfanato. (Ilustrações de Rogério Borges), São Paulo: Ed.do Brasil, 1986.
25. MUNIZ, F. Mais prá lá do quipracá. (Ilustrações de Carlos de Brito), São Paulo: Ed.do Brasil, s/d.

26. ORTHOF, S. A fada sempre viva e a galinha fada. (Ilustrações de Tato), São Paulo: FTD, 1988, 3ª edição.
27. PERLMAN. A. Invasão do pensamento. (Ilustrações de Alice Goes), São Paulo: Ed.do Brasil, 1985.
28. PINTO, Z.A. O menino maluguinho. (Ilustrações do autor), São Paulo: Melhoramentos, 1980.
29. PORTO, C. Se será Serafina. (Ilustrações de Michele), São Paulo: Ática, 1985.
30. ROCHA, R. O reizinho mandão. (Ilustrações de Walter Ono), São Paulo: Quinteto Editorial, 1985.
31. SALES, H. O burrinho que queria ser gente. São Paulo: Ed.do Brasil, s/d.
32. SANTOS, J.R. O soldado que não era. (Ilustrações de Eduardo Vertillo), São Paulo: Ed. Moderna, 1989, 20ª edição.
33. SARDEMBERG, M.P.E. O segredo da ilha. São Paulo: Ed. do Brasil, s/d, 25ª edição.
34. VIEIRA, M.do C. No país dos anões. (Ilustrações de Mirtes Cristina Sada), São Paulo: Ed.do Brasil, 1985, 13ª edição.

35. VIEIRA, R. O mistério do rabanete vermelho. (Ilustrações de Wanda Cardim), São Paulo: Editora do Brasil, 1985.
-

- A N E X O 4 -

PROTOCOLO DE REGISTRO DAS OCORRÊNCIAS SOBRE IDOSOS  
CONTIDOS NOS TEXTOS

Nº \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

Livro:

---

---

---

- RESUMO DO LIVRO -

7. Uso do termo velho: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. Adjetivos com que o idoso é designado: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

9. Citações textuais: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



- 4.7 - Postura e expressão facial: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 4.8 - Referências à saúde física: \_\_\_\_\_
- 4.9 - Referências à saúde mental: \_\_\_\_\_
- 4.10 - Referência à morte ou proximidade dela: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 4.11 - Causa da morte: ( ) doença ( ) velhice  
\_\_\_\_\_
- 4.12 - Local da morte: ( ) casa ( ) asilo ( ) hospital  
\_\_\_\_\_
- 4.13 - Importância do fato (morte) na história: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 4.14 - Menção a um legado (material ou espiritual) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. Padrões de interação social

- ( ) com familiares \_\_\_\_\_
- ( ) com pessoas da mesma idade \_\_\_\_\_
- ( ) com jovens de fora da família \_\_\_\_\_
- ( ) com crianças \_\_\_\_\_
- ( ) outros \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Comportamento do idoso (em relação aos outros personagens, manias, atividades de lazer, etc.).

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Aspectos demográficos:

- 3.1 - Nome: \_\_\_\_\_
- 3.2 - Sexo: \_\_\_\_\_
- 3.3 - Idade: \_\_\_\_\_
- 3.4 - Raça: \_\_\_\_\_
- 3.5 - Escolaridade: \_\_\_\_\_
- 3.6 - Nível sócio-econômico: \_\_\_\_\_
- 3.7 - Profissão: \_\_\_\_\_
- 3.8 - Estado civil: \_\_\_\_\_
- 3.9 - Local de residência:
  - ( ) cidade
  - ( ) campo
  - ( ) floresta
  - ( ) castelo
  - ( ) indeterminado
  - ( ) outros: \_\_\_\_\_
- 3.10 - Tipo de habitação: \_\_\_\_\_
- 3.11 - Com quem vive: \_\_\_\_\_

4. Aspectos físicos e psicológicos.

- 4.1 - Tipo de vestimenta: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 4.2 - Cabelos: \_\_\_\_\_
- 4.3 - Dentes: \_\_\_\_\_
- 4.4 - Pele: \_\_\_\_\_
- 4.5 - Uso de aparelhos ou instrumento de apoio: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 4.6 - ( ) gordo                      ( ) magro

- RESUMO DO PERSONAGEM IDOSO -

1. Número de idosos que aparecem na história: \_\_\_\_\_

Especificação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Papel do idoso no: \_\_\_\_\_

( ) personagem principal

( ) personagem secundário

( ) figuração

( ) coadjuvante

( ) como narrador da história

( ) fonte de informação para o narrador

( ) personagem que com sua informação resolve a trama

( ) \_\_\_\_\_